

**Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo**

FELIPE PERES FERNANDES

**ESTEREÓTIPO E PRECONCEITO NAS REDES:
Uma análise da fanpage AjudaLuciano no Facebook**

São Paulo
2014

Felipe Peres Fernandes

**ESTEREÓTIPO E PRECONCEITO NAS REDES:
Uma análise da fanpage AjudaLuciano no Facebook**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – habilitação em Relações Públicas

Orientador: Professor Doutor Eneus Trindade Barreto Filho

São Paulo
2014

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho para fins de estudo e pesquisa desde que citada a fonte.

Assinatura: _____

Data: _____

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

FERNANDES, Felipe.

Estereótipo e preconceito nas redes: Uma análise da fanpage AjudaLuciano no Facebook / Felipe Peres Fernandes – São Paulo, 2014.

XX. ; 30 cm.

Monografia de conclusão de curso – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo.

Orientador: Eneus Trindade Barreto Filho

1.Estereótipo 2. Preconceito 3.Redes 4.Facebook 5.Cibercultura

FERNANDES, Felipe. *Estereótipo e preconceito nas redes: Uma análise da fanpage AjudaLuciano no Facebook*. Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do Título de Bacharel em Comunicação com Habilitação em Relações Públicas.

Avaliação: _____

Aprovado em: ___/___/___

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Eneus Trindade Barreto Filho

Instituição: ECA-USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

_____ (Examinador(a))

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

_____ (Examinador(a))

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Agradecimentos

Dizem que cada um faz a própria sorte. Não acredito nisso. Se eu pudesse fazer minha sorte, não teria sido tão sortudo. Estudar onde estudo, morar onde moro, me sentir bem com meus pensamentos são coisas que devo agradecer a várias pessoas na minha vida, sem elas não faria sentido estar entregando este trabalho, assim como qualquer outra conquista faria sentido. Pode parecer pouco, é apenas um pedaço e uma etapa da minha vida, mas ela representa muitos outros aspectos, que só me orgulham de quem sou e de quem amo e confio.

Gostaria de agradecer primeiro a minha família. Eu não poderia ter pais mais amorosos, educativos e responsáveis como eles. O incentivo, a liberdade responsável e toda a estrutura possível são apenas um pouco de sua importância para mim. Obrigado Cristiane e João Ricardo, espero estar orgulhando vocês. Minha irmã Priscila, que espero no futuro poder ver um pouco das coisas maravilhosas que vi e compartilhar do conhecimento que tive o prazer de ter contato, outra pessoa inegociável e necessária na minha vida. Minha vó, Ema, e minha tia e madrinha, Elizete, são outras pessoas especiais que desde pequeno me apresentaram coisas novas, me ofereceram ajuda, conforto e carinho em todos os momentos.

Um “muito obrigado” também especial à minha companheira, Jéssica, por ser tão importante para mim, a base que eu preciso e prezo nesse que está sendo o melhor ano da minha vida.

Agradeço aos meus amigos de Santos, em especial Diego Nogueira, Matheus Predolim e Leonardo Jahjah por tanto tempo me aguentando. E aos meus amigos da ECA, dos quais prefiro não citar nomes para não cometer injustiças. Com certeza os amigos que fiz aqui foram essenciais para minha felicidade.

Muito obrigado a todos por fazerem a minha sorte!

Resumo

Este trabalho se propõe discutir a reprodução dos preconceitos e estereótipos sociais dentro das redes digitais através da linguagem, do discurso e da distinção pelo modo de uso das ferramentas desta mídia no Brasil, pressupondo o receptor como ser ativo e a necessidade do olhar sob a circulação da comunicação nesses espaços. Através da análise de redes sociais, em especial a fanpage AjudaLuciano, serão trazidos à tona os processos de relação de poder e das formas de expressão como instrumento de domínio e discriminação por usuários brasileiros do Facebook.

Palavras-chave: Estereótipo, Preconceito, Redes, Facebook, Cibercultura

Abstract

This paper intends to discuss the reproduction of social prejudice and stereotypes within digital networks through language, discourse and distinction by the mode of use of the tools of this media in Brazil, assuming the receiver as an active being and the need of a look over the flux of communication in these spaces. Through the analysis of social networks, especially the fanpage AjudaLuciano, the processes of power relations and modes of expression will be brought up as instruments of domination and discrimination by Brazilian users of Facebook.

Keywords: Stereotype, Prejudice, Networks, Facebook, Cyberculture

Lista de Figuras

Figura 1 – Página AjudaLuciano

Figura 2 – Página Luciano Huck Oficial

Figura 3 - Postagem dia 25 de Outubro de 2014 - AjudaLuciano

Figura 4 – Postagem dia 9 de maio de 2014 - AjudaLuciano

Figura – Postagem dia 9 de abril de 2013 - AjudaLuciano

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Metodologia.....	15
I – Sociedade nas redes.....	17
II –Estereótipo, preconceito e linguagem	
1 – Estereótipo, preconceito e dominação.....	23
2 – Linguagem, circulação midiática e análise de discurso.....	31
III – A reprodução do preconceito no Facebook – Análise da fanpage AjudaLuciano.....	39
Considerações finais.....	58
Referências.....	60

INTRODUÇÃO

É possível observamos nos últimos anos uma grande inclusão digital no Brasil, cada vez mais brasileiros possuem acesso à internet e conseqüente às redes sociais. A expansão do consumo, distribuição de renda e o desenvolvimento da cibercultura no país são elementos entre os quais possibilitaram a entrada de maior diversidade nesse meio, diversificando condição socioeconômica, faixa etária, entre outros fatores.

Segundo pesquisa realizada pela Hello Research¹, até metade de 2011 o Orkut contava com 34,4 milhões de usuários no país, sendo ultrapassado no final do ano pelo Facebook, com 36,1 milhões. A pesquisa ainda relata que a maioria dos usuários que permaneciam no Orkut após 2011 concentravam-se nas classes D e E. Até o final de 2013, o Facebook possuía cerca de 55 milhões de usuários brasileiro, representando cerca de 84% dos que utilizam a Internet.

Outro dado importante dessa pesquisa é de que, apesar da expansão, apenas 41% da população brasileira tem acesso à internet em casa. Segundo pesquisa do Ipea, 51,9% não possui computador em seu domicílio.

O advento da internet e as mídias digitais mudaram o modo como parte dos indivíduos interagem e o modo de se observar o mundo. Dentro deste ciberespaço as condições e formas de comunicação ganham nova complexidade e, assim, agem também sobre a realidade dos atores usuários. A relação emissor-receptor ganha novos contornos com receptor ativo e criador tecno-discursivo. Os processos simétricos e direcionais já não cabem mais nessa realidade, assim como a amplas convergências midiáticas e culturais, permitindo uma mudança drástica na forma de agir nos meios.

A circulação midiática (Fausto Neto, 2012) ganha espaço próprio na nova arquitetura comunicacional, onde se recodificam e transfiguram os discursos em múltiplos modos, assim reorganizando a atuação e expressão dos atores sociais. O ciberespaço (Lévy, 2007), porém, não termina em si mesmo e muito

¹ <http://novasdigitais.blogspot.com.br/2013/03/quem-sao-os-brasileiros-nas-redes.html>

menos é um espaço descolado da realidade material social. As redes digitais existem na realidade, são meios materiais de se comunicar e interagir, interferindo e modificando a realidade. O ciberespaço, além de reproduzir e reconstruir dilemas, comportamentos e estruturas sociais, também age sob a sociedade.

Os preconceitos, estereótipos, desigualdades e fatores geográficos se reconfiguram de diversas maneiras no ciberespaço. Os discursos e a ideologia hegemônica permanecem arraigados a esse espaço, apesar da perspectiva democrática de empoderamento e livre arbítrio dos usuários, observamos que a multiplicidade de culturas, expressões e comunicação transvestem muitas vezes o senso comum. Os atores disputam os campos e legitimação de seus gostos e modos de ser. As "normas" que legitimam a conduta adequada à cibercultura, ao mesmo tempo em que fortalecem os atores "adequados", cria mecanismos objetivos e subjetivos contra quem adentra ao espaço de outra forma.

Com o maior acesso à internet no Brasil, assistimos setores da sociedade até pouco tempo distantes do ciberespaço adentraram esse campo e configurarem seu próprio entendimento e modo comunicacional de utilizar as ferramentas. Dentro desse contexto, no presente trabalho, abordaremos a complexidade dos conflitos sociais nas redes, respeitando a análise discursiva e de circulação no ciberespaço. O receptor ativo e criativo, as novas dinâmicas e espaços sociais nessa forma de interação, assim como a desigualdade e a dominação podem se expressar fora do meio geográfico e concreto serão pilares fundamentais. Os discursos e a importância da linguagem são parte do caminho para compreendermos esses fenômenos.

Portanto, trataremos concepções sobre o ciberespaço, internet e as redes digitais, contextualizando-as como fenômeno social inédito e suas possíveis formas de análise. Posteriormente, discutiremos os estereótipos, preconceitos, distinções, conflitos sociais e as possíveis raízes por de trás dessa forma de embate.

A linguagem é central em nossa proposta de trabalho, pautando algumas linhas teóricas como base de nossa argumentação. Entendemos que o discurso e

suas ideologias, além da articulação das falas e uso das ferramentas nas redes digitais, se analisadas, deflagram conflitos sociais, preconceito, estereótipo e relações de poder no fluxo comunicacional do ciberespaço. Com as amarras geográficas praticamente abandonadas, o meio digital formula, por meio das relações e estruturas sociais, os lugares e campos de atuação das classes, assim como as definições do que é legítimo nesse espaço.

Na comunicação é fundamental compreendermos as múltiplas variações tecnodiscursivos e as relações sociais por que compõe e sua composta pelas interações comunicacionais. No atual contexto de mídias digitais, temos contato com diversas teorias e práticas sobre o ciberespaço, cada vez em maior número. Com isso, é necessário que tomemos cuidado ao idealizar esse novo espaço midiático fora da realidade concreta histórica. Em relações públicas, temos o conhecimento sobre a diversidade de públicos e suas especificidades e como podemos adequar estruturas linguísticas e discursos para atingirmos os objetivos programados. Nas redes digitais essas possibilidades ficam cada vez mais complexas, mutáveis, intangíveis e de difícil mensuração.

Nos estudos de relações públicas, confrontamos com linhas teóricas das quais visam a simples ordem, manutenção e melhoria da comunicação direcionada, com grande influência do pensamento funcionalista. A preocupação com os públicos e com a sociedade mostra-se muitas vezes contestável, abdicando de análises críticas de cenários, principalmente referente à problemas e conflitos sociais históricos e como eles se articulam nas diversas mídias, sejam de forma espontânea ou coordenada. Ou seja, devemos refletir e analisar as diversas tensões existentes no universo comunicacional, lançando um olhar atento e preocupado sobre a realidade objetiva. Acreditamos que a função social de um profissional e acadêmico de relações públicas pode ser importante no entendimento da comunicação não só como produto ou reflexo, mas como aspecto complexo e decisivo nas construções sociais. Os estereótipos, preconceitos, desigualdade, entre outros temas devem despertar a atenção do relações públicas, assim como a proposição de como agir efetivamente nesses cenários. Visando contribuir ao olhar social e atento às

essas problemáticas, propusemos a reflexão e análise de possíveis modos de articulação e construção de estereótipos e preconceitos no ciberespaço.

No primeiro capítulo trataremos de linhas teóricas fundamentais que tratam do ciberespaço e suas especificidades. É importante compreendermos as mudanças significativas que as mídias exercem sob os atores sociais, recodificando sentidos, imagens, discursos, relações sociais e concepções da realidade. Essas mudanças estão hoje em foco dentre diversos teóricos, um tema complexo que dificulta afirmações fechadas sobre o atual cenário de convergência midiática e cibercultura.

Posteriormente, acrescentaremos à essa reflexão aspectos sobre a formação dos estereótipos, preconceitos e a disputa dos campos sociais. Baseado em diversos autores, traremos a importância da linguagem na formação do indivíduo e de suas complexas relações sociais, como este é agente de mudança social e também construído objetivamente e subjetivamente por seu espaço social e midiático. A formação ideológica dos discursos e seus possíveis usos pela manutenção do pensamento hegemônico e de senso comum serão abordados, colocando esses conceitos como fundamentais para o entendimento e crítica às relações sociais. Porém, a nova arquitetura comunicacional nos impõe um olhar não apenas discursivo emissor-receptor, mas a circulação midiática e suas diversas possibilidades comunicacionais como processos fluxos.

A partir disso, escolhemos realizar análise da fanpage AjudaLuciano² no Facebook. A página, criada em 2012, possui caráter humorístico e tem como sua principal finalidade trazer *prints* de mensagens destinadas ao apresentador da Rede Globo, Luciano Huck. As mensagens geram humor aos internautas por demonstrar formas consideradas “erradas” ou deslegítimas do uso padrão da linguagem no Facebook, Atualmente com cerca de 670 mil “curtis”, a fanpage é reconhecida como uma das mais engraçadas do país. Porém, sua forma de humor expressa, através de padrão de publicações, a diferenciação

² <https://www.facebook.com/AjudaLuciano>

entre os modos “legítimos” de expressão nesse espaço. Acreditamos que ela expressa de certa maneira a exclusão de acordo com faixa etária e socioeconômica, assemelhando-se a forma de preconceito pela linguagem nos espaços físicos.

Buscamos aqui partir de teorias e materiais para a análise no levantamento de modos de fortalecimento do estereótipo e os conflitos sociais presentes hoje nas redes digitais brasileiras, no caso, o Facebook.

METODOLOGIA

A análise proposta nesse trabalho tem como objetivo identificar e problematizar a questão dos preconceitos, estereótipos e dominação no novo contexto digital, principalmente em publicações no Facebook que possuem uma conotação humorística e mais subjetiva na expressão desses conflitos no ciberespaço. Nesse novo contexto digital de dispositivos circulatórios, o receptor modifica também os seus status e as relações sociais dentro de diferentes espaços midiáticos, sendo coordenador de seu próprio consumo de mensagens.

Utilizaremos, portanto, a análise de discurso e da circulação como método para averiguarmos nossa proposta de identificar como estereótipo e preconceito são trabalhados nas redes, no caso, no Facebook.

A análise de discurso nos auxiliará na compreensão dos objetos de linguagem e sua relação social e ideológica, assim como age no concreto (Orlandi, 1990). A historicidade é essencial nesse tipo de observação, além da minuciosa identificação dos padrões discursivos.

Porém, não podemos nos limitar ao simples olhar discursivo. Conforme será explicitado durante o trabalho, a circulação midiática é central para nos aproximarmos de uma concepção contextualizada dos modos de observar a comunicação no ciberespaço. Na circulação midiática (Fausto Neto, 2007), a lógica simples de emissão-recepção se altera, sendo introduzida como variável analítica da construção dos símbolos e discursos de forma fluxa. As interações nesse espaço são modificadas nessa arquitetura comunicacional. Nosso olhar deve estar atento sobre de que maneira é possível identificar a problemática

proposta no trabalho nesta lógica e como se dá a produção e reprodução nesse espaço, sem deslocá-lo da realidade objetiva das relações sociais e da luta de classes.

Para isso, analisaremos a fanpage AjudaLuciano no Facebook. A página contém atualmente em torno de 670 mil e atinge fundamental um público com faixa etária entre 18 e 24 anos. Nossa análise observará aspectos do preconceito relativo às classes socioeconômicas menos favorecidas ou a própria imagem construída popularmente sobre elas. Acreditamos que o uso do humor ou da ridicularização sobre problemas popularmente enfrentados por essas classes, neutralizando sua possível expressão de denúncia ou de problemáticos relatos é de certa forma um modo de excluí-las da disputa do interesse social ou mesmo preservar a indiferença. Visamos observar em que medida as publicações dessa página servem de objeto empírico para contribuirmos na observação de como os preconceitos de classe e disputas pelo capital social se fazem presente.

Escolheremos postagens publicadas pela página sem um período definido de tempo, basearemos nossas escolhas no teor dos conteúdos compartilhados. Os comentários compilados devem conter histórias pessoais relatadas por usuários com o objetivo de atingir o apresentador Luciano Huck, como pedido de auxílio ou de participação em programas. Os relatos devem contemplar problemas sociais remetidos no senso comum às classes socioeconômicas menos favorecidas, como por exemplo: desemprego, violência, problemas financeiros, moradia, entre outros.

Analisaremos qualitativamente as possíveis simbologias e discursos da própria fanpage, traçando uma linha de similaridade simbólico-discursiva útil para nossa discussão. Daremos atenção aos aspectos do preconceito relativos à desigualdade socioeconômica e conflito entre classes. Ou seja, aspectos que englobam diversas nuances, dos quais daremos enfoque o preconceito pela estrutura gramatical e modo como os usuários compreendem o personagem midiático no ciberespaço, a sua articulação direta, informal e interativa. Atentaremos para como esses aspectos reverberam aspectos de ridicularização e inferioridade ao outro, sendo esta uma forma clara afastar parte dos atores

da igualdade expressiva no espaço social, reforçando estereótipos e preconceitos oriundos das condições materiais e históricas. Pedidos de ajuda sobre casos comuns as “classes baixas”, referências a essas classes como “barraco”, “quebrada”, entre outros termos nortearam nossas escolhas de postagens, junto ao riso provocado ao rearticular esses textos.

Na nova arquitetura comunicacional nos exigirá compreender como a circulação midiática é elemento fundamental. Os compartilhamentos, comentários e curtir multiplicam tecno-discursivamente o modo como preconceitos são introduzidos ideologicamente nesse processo, assim como as suas possibilidades de neutralização na zona de contato ou mesmo o reforço do humor e ridicularização para reforçar preconceitos sociais.

A partir desses métodos e conceitos, observaremos empiricamente nossa proposta de trabalho.

I – Sociedade nas redes

Nas últimas décadas observamos grandes avanços na tecnologia. O principal deles, provavelmente, é a criação da internet e seu rápido e popular desenvolvimento nos últimos anos. Adventos como novas tecnologias digitais e o avanço da banda larga na internet, permitiu maior produção de informação. Com isso, presenciamos não apenas um aumento na quantidade de informação sendo veiculadas, mas também o surgimento de redes sociais digitais temáticas, responsáveis por multiplicar as relações sociais online e desenvolver novas práticas de interação.

Sobre o surgimento das redes sociais digitais, Recuero diz:

Essa capacidade alterou de forma significativa os fluxos de informação dentro da própria rede. O surgimento da Internet proporcionou que as pessoas pudessem difundir as informações circulando nos grupos sociais. Juntamente com essa complexificação, o aparecimento de ferramentas de publicação pessoal, tais como os Weblogs, fotologs, e mesmo o Youtube, por exemplo, deu força e alcance para esses 22 fluxos (Adar & Adamic, 2005) ampliando a característica de difusão das redes sociais. (RECUERO, 2009, p. 116)

Os sites de redes sociais se estabelecem, assim, como um avanço importante na condição comunicativa das redes. Segundo Recuero (2009, p.31):

Estudar a interação social compreende, deste modo, estudar a comunicação entre os atores. Estudar as relações entre suas trocas de mensagens e o sentido das mesmas, estudar como as trocas sociais dependem, essencialmente, das trocas comunicativas.

Manuel Castells ainda coloca a importância e função dos sites de rede sociais no contexto digital:

[...] a atividade mais importante da internet hoje se dá por meio dos sites de rede social (SNS, de Social Networking Sites), e estes se tornam plataformas para todos os tipos de atividade, não apenas para amizades ou bate-papos pessoais, mas para marketing, e-commerce, educação, criatividade cultural, distribuição de mídia e entretenimento, aplicações de saúde e sim, ativismo socio-político (CASTELLS, 2013 p.169).

As redes digitais também permitem que cada pessoa se represente digitalmente de diversas modos. Para o autor, os sites de redes sociais (como Facebook, Twitter, Instagram, etc) são espaços ativos que conectam praticamente todas as dimensões da vida das pessoas. Essa tendência é em parte transformadora da cultura ao induzir o compartilhamento, possibilitando que um mesmo ator na rede social digital possa se comunicar de diversas formas diferentes, interagindo com outros atores sob perfis que variam de uma mídia social para outra.

McLuhan (1969) discutirá, antes do advento da internet, como os meios tendem a conversão e incorporação, promovendo a “revitalização” de meios “obsoletos” de forma aguda e dinâmica, possibilitando a interação de grupos e comunidades nas redes sociais. Em cada modo de mediação, se “improvisa” e adapta-se aos contextos interacionais. O autor colocava como conceito central “o meio é a mensagem”, ou seja, como o ambiente (moral, material, mental, etc) é parte criadora e formuladora da própria mensagem, colocando a forma como fundamental para analisarmos o conteúdo. As atividades nas redes são limitadas e condicionadas pelas práticas de uso do ciberespaço.

O novo sistema de comunicação tem entre suas características a integração em rede digitalizada de variados modos de comunicação, a capacidade de inclusão e de abrangência de todas as expressões sociais e culturais (Castells, 2003, p.460).

As transformações promovidas pela tecnologia acabaram indo além das atividades de produção e chegaram ao cotidiano de milhões de pessoas, oferecendo possibilidade de empoderamento maior ao receptor, modificando as novas condições midiáticas, oferecem a oportunidade de comunicar o ponto de vista dos “pequenos relatos”, trazendo seu recorte de realidade, suas visões de mundo e sua produção intelectual, artística e cultural. Nessa nova arquitetura das redes digitais, a mensagem flui por canais que desafiam em certa medida o tradicional fluxo no qual os interlocutores detentores do poder de fala hegemônico aparecem como principais emissores e moderadores das mensagens.

A autonomia que a rede oferece aos atores permite que mostrem seus pontos de vista. O choque dessas diferentes manifestações culturais é responsável pela geração de novas formas de cultura, nascidas nesses ambientes digitais, as quais Lévy denomina cibercultura (1997, p.17). Segundo o autor, a cibercultura é a reunião do conjunto de técnicas, práticas, atitudes, modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

É importante ressaltar que o ciberespaço e a cibercultura não substituem os meios de comunicação tradicionais, instaurando um novo contexto em que as formas de comunicar se modificam, impondo novas relações e formas de conflito.

O ciberespaço com suas potencialidades não totalizantes abre espaço para trocas em diversos âmbitos. Conforme propõe Castells:

[...] talvez a característica mais importante da multimídia seja que ela capta em seu domínio a maioria das expressões culturais em toda sua diversidade. Seu advento é equivalente ao fim da separação e até da distinção entre mídia audiovisual e mídia impressa, cultura popular e cultura erudita, entretenimento e informação, educação e persuasão. Todas as expressões culturais, da pior à melhor, da mais elitista a mais

popular, vêm juntas nesse universo digital que liga, em um supertexto histórico gigantesco, as manifestações passadas, presentes e futuras da mente comunicativa. Com isso, elas constroem um novo ambiente simbólico. Fazem da virtualidade nossa realidade (CASTELLS, 2003, p. 458).

Os principais ramos produtivos, a comunicação, lazer, pesquisa e, principalmente, as relações de poder e a afetividade são modificados. Ou seja, os discursos dominantes, a historicidade e as classes adequam-se à nova dinâmica e reproduzem com novas especificidades, mas ainda longe de subverter as condições sociais fora desse espaço.

Nesse contexto, o poder simbólico dos emissores tradicionais e dominantes é enfraquecido pela multiplicidade de visões. Portanto, os emissores tradicionais devem se adequar e recodificar ao novo sistema, às novas infinitudes de valores, senão estarão fadadas ao obsoleto nesse espaço (Castells, 2003, p.461).

O ciberespaço também é palco de conflitos sociais e influenciador de novos panoramas, possuindo dinâmica social e cultura. A cibercultura seria o conjunto de pensamentos, valores e cotidiano agora promovidos ciberneticamente. Esse fenômeno pode ser explicado, segundo (Rudiger, 2011), como o processo de convergência dos elementos e arquitetura comunicacional do ciberespaço com a cultura popular já articulada ao longo do tempo pela indústria cultural.

No cenário da sociedade midiaticizada, o termo “convergência” é um dos mais utilizados por pensadores da atualidade. Primeiramente, o processo de convergência das tecnologias, das mídias e, segundo, das relações sociais no ambiente da internet. Os meios de comunicação de massa, assim como outras mídias, aceleradamente passam por um complexo processo de multimídia, imbricando seus dispositivos em amplas plataformas convergentes.

o fluxo de conteúdo através de múltiplas plataformas de mídia, a cooperação entre múltiplas indústrias da mídia e o comportamento migratório das audiências da mídia que irão quase a qualquer lugar em busca das novas experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue descrever mudanças tecnológicas, industriais, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que se pensa estar falando. (JENKINS, 2008, p. 2-3)

Henry Jenkins, criador do termo “cultura da convergência”, considera que esse fenômeno faz parte de uma mudança cultural e não apenas midiática, dependendo dos próprios usuários e seu desejo por conexão e interatividade para que se sustente. Estabelecendo convergência cultural, os usuários também convergem e constroem novos significados, produzindo relações com os meios mediados de novas formas, com novos modos de circulação de mensagens, lugar e função dos emissores-receptores e o próprio modo de análise. O usuário é cada vez mais ativo e necessita cada vez mais ser ativo.

Quaisquer mídias, em função dos processos de comunicação que propiciam, são inseparáveis das formas de socialização e cultura que são capazes de criar, de modo que o advento de cada novo meio de comunicação traz consigo um ciclo cultural que lhe é próprio e que fica impregnado de todas as contradições que caracterizam o modo de produção econômico e as conseqüentes injunções políticas em que um tal ciclo cultural toma corpo. Considerando-se que as mídias são conformadoras de novos ambientes sociais, pode-se estudar sociedades cuja cultura se molda pela oralidade, então pela escrita, mais tarde pela explosão das imagens na revolução industrial eletrônica, etc. (SANTAELLA, 2003, p. 25).

No Brasil, assistimos nos últimos anos ao acesso crescente das classes econômicas menos favorecidas à Internet. O aumento do poder aquisitivo dessas classes, a baixa de preço por dispositivos eletrônicos e a popularização das “*lan houses*” permitiram parte da população adentrar ao meio digital. Esse fenômeno fortaleceu e deixou visíveis os conflitos no ciberespaço, que antes parecia hegemônico. Novas formas de interação, expressão e discurso ganharam força, causando resistência por aqueles que detinham do espaço e suas formas consolidadas de relacionamento.

Como efeito desse fenômeno, observamos mudanças nas formas de socialização nas redes. Distanciando-se dos padrões estéticos exigidos pelo grupo hegemônico, os novos usuários se apropriam de forma única do meio digital, principalmente os sites de redes sociais. Nesse processo, a linguagem é fundamental e como se rearticula com as mudanças de cenários, assim como a resistência e o preconceito aos discursos e gramáticas não legitimadas pelos dominantes. O uso do humor pelos membros dominantes contra esses grupos deflagra a busca por diferenciação e elitização desse espaço, aspecto parte da dinâmica social da luta de classes. Parte dos autores vem chamando esse

fenômeno como “favelização digital”, marcando o território do ciberespaço por preconceitos, reprodução de desigualdade, diferenciação de classes, etc.

Partindo do conceito antes visto de favela, favelização é então, o fenômeno social do crescimento e proliferação das favelas, processo que ocorre principalmente nas grandes metrópoles de países subdesenvolvidos. A existência das favelas desvaloriza as terras localizadas em sua proximidade. Ao remover a favela, remove-se um dos obstáculos para aumentar a renda da terra, ao mesmo tempo em que se leva “para mais longe” os seus moradores e sua pobreza. Aplicando-se esta ideia da favela e favelização ao site de relacionamentos, o Orkut é um espaço que vem sendo ocupado por pessoas pertencentes a camada mais pobre das sociedades, e isso faz com que este decaia no sentido de perder aspectos intelectuais e passando a alimentar-se cada vez mais de uma cultura popular de massa, o que lhe atribuiu certo ponto negativo, gerando preconceito por parte daqueles que integraram o site em seu princípio. A favelização do Orkut seria então a entrada abundante de usuários com baixa renda e poder aquisitivo limitado. (SIMONATO, 2010)

A “forçada” nova convivência entre classes no ciberespaço trouxe consigo diversos conflitos e atritos e também o discurso que etnocentrista que pode ter suas origens no evolucionismo cultural.

o que aqui irá chamar-se de etnocentrismo digital e/ou virtual; e a divisão social por classe econômica do acesso aos sites de redes sociais. Tal modalidade de etnocentrismo, sob a ótica deste trabalho, refere-se à avaliação de que o uso, de um determinado site de redes sociais, feito pelo usuário e/ou pela comunidade de interesse dele é tido como o mais relevante, inteligente e adequado, e todos os demais usos são entendidos e discriminados como sendo banais, não dotados de intelectualidade e inadequados, pode vir a aprofundar a lacuna entre ricos e pobres, maximizar preconceitos, e eliminar a possibilidade criada pela Internet de as pessoas conectarem-se e conversarem sem impedimentos relacionados à sua localização territorial ou condição cultural e socioeconômica. (DO CARMO, 2009)

Observamos, portanto, as diversas implicações do desenvolvimento tecnológico das formas de interação e a criação do ciberespaço. Nesse contexto, o modo circulatório da informação e interação social se modifica claramente, em mudança constante. O maior empoderamento, o fluxo de emissão e recepção, a certa democratização da expressão midiática e a convergência das mídias e da linguagem nos permite compreender que as formas de conflito, dominação, luta de classes, desigualdade e preconceito também se rearticulam nesse espaço. Apesar de termos a impressão de

espaço democrático e “neutro”, é clara a observação de que seu modo de circulação, os discursos, o gosto e o pensamento dominante ainda prevalecem, se recodificando para sobreviver às mudanças.

No próximo capítulo discutiremos os principais conceitos sobre estereótipo, preconceito e como a dinâmica social se constrói na linguagem e discurso. Compreendendo o ciberespaço como espaço que reproduz as desigualdades e conflitos sociais de forma diversa e complexa, analisaremos a formação dos estereótipos, preconceitos e os jogos de poder que são expressos através da linguagem e do processo circulatório nesses espaços sociais, desmitificando a suposta democracia e liberdade plena do ciberespaço.

II – Linguagem, estereótipo e preconceito

1 – Estereótipo, preconceito e dominação

Após retratarmos a cibercultura e as diversas formas de observá-la, devemos embarcar na construção do que é o estereótipo e o preconceito e como podem se manifestar através do discurso para que possamos realizar uma análise crítica pertinente sobre o “jogo comunicacional” nas redes digitais e como a diferenciação por classes pode se apresentar nesse espaço.

Os estereótipos se formam desde que nascemos, quando nosso cérebro começa a realizar conexões, informações vão sendo armazenadas e passamos a ter capacidade de interpretar os signos, dar significado a eles. Vemos um objeto com folhas entre duas capas duras e seguras por uma espiral de arame, sabemos que se trata de um caderno, sabemos que ele serve para escrever e sabemos que ao abri-lo nenhum perigo está escondido em seu bojo. O estereótipo de caderno já existe em nossa mente, foi criado por termos tido contato com ele inúmeras vezes. Como diz Bakhtin “todo corpo físico pode ser percebido como símbolo” (Bakhtin, 1981, p.31)

Ao contrario de nós, um bebê quando vê um caderno pela primeira vez é incapaz de entender para que ele serve e é incapaz de abri-lo em suas primeiras tentativas.

Quando crescemos, os estereótipos para objetos tangíveis já encontram-se basicamente todos construídos. A partir daí começamos a formar estereótipos

para coisas intangíveis como culturas, povos e comportamentos. Os meios de comunicação são parte fundamental dessa construção. Através da interação emissor e receptor construímos concepções e imagens sobre o que nos é distante de alguma forma. Desde a cultura de um país asiático até mesmo de moradores da sua própria região e “tribos”. Interagindo nas redes e em contato com outras mídias (televisão, rádio, cinema, etc) construímos complexamente junto de nossa própria vivência ideias sobre o outro. Ao tempo que necessitados dos estereótipos (é impossível conhecer tudo e todos), a forma como são construídos nos jogos de poder e na dinâmica social fortalecem para o senso comum e visões simplistas e preconceituosas que não nos faz reconhecer proximidade com outro indivíduo, sentindo a coerção social de se diferenciar de quem não lhe é semelhante.

Os meios de comunicação têm papel central quando se fala em construção de estereótipos para comportamentos culturais, classes socioeconômicas e etnias. Mesmo no novo contexto digital, os meios tradicionais e o poder das classes dominantes ainda possuem influências vitais na formação do indivíduo e sua expressão no próprio ciberespaço. Porém, diferente dos objetos em que o estereótipo nos permite uma rápida associação com um significado com alta probabilidade de acerto, no caso de estereótipos comportamentais a situação é diferente. “Na maior parte das vezes não vemos para depois definir, mas primeiro definimos para depois vermos” (Lippman p.151). Ou seja, criamos uma ideia de como as pessoas são (seu caráter e comportamento) baseadas no simples fato de ela vir de determinado lugar, ou seja, criamos aí um pré-conceito.

Bakhtin (1981) e Maingueneau (2002) mostram como para que se tenha capacidade de interpretar os estereótipos primeiro é preciso que a pessoa tenha vivido um tempo sob influência midiática. É na convivência midiática que aos poucos os significados vão sendo construídos. A cada nova aparição de um povo na TV ou no Facebook um significado é atribuído a esse povo e a cada vez que um post humorístico deslegitima certo discurso ou forma de utilizar as ferramentas das redes digitais, uma imagem se fortalece sobre certo grupo. Esse significado só captura uma parte da realidade.

O signo originalmente é neutro, ou seja, ele não traz consigo uma carga ideológica e de significado, porém, cada indivíduo atribui a ele um significado

baseado em seu convívio social e experiência de vida (Bakhtin, 1981, p.41).. Por exemplo, ao vermos no Facebook que escreve de determinado modo, podemos tirar conclusões com base nessa pequena análise e termos como referência a alguém das classes econômicas menos favorecidas ou que seja nova naquele espaço. A associação rápida existe, pois, parte dos usuários estabelecem certos símbolos e padrão que “legitimam” sua atuação e se diferenciam dos “outros”. Portanto, certa foto, comentário ou post remeterá a um personagem composto por diversos recortes, enquadrando-o no estereótipo.

O estereótipo só é capaz de capturar uma parte da realidade, a mais característica, e ignora o restante da realidade. Alguns estereótipos são famosos e permitem que o espectador faça uma rápida associação entre a imagem (signo) e um significado (um indício que representa um objeto). O signo “reflete e refrata a realidade em transformação” (Bakhtin, 1981, p.41).

O preconceito, conceito central no presente trabalho, é um pensamento criado no cotidiano fixado através da repetição na experiência, um modo também comportamental estável partido da ultrageneralização (Heller, 1985). Nascemos em ambientes que com o tempo nos condicionam à ultrageneralização do desconhecido, assumindo estereótipos, modelos e visões já impostos, muitas vezes deles promovidos ideologicamente pelo jogo de poder e senso comum produzido objetivamente e subjetivamente pelo pensamento dominante.

“Toda ultrageneralização é um juízo provisório ou uma regra provisória de comportamento: provisória porque se antecipa à atividade possível e nem sempre, muito pelo contrário, encontra confirmação no infinito processo da prática”. (HELLER, 1985, pg. 44)

O indivíduo costuma estar orientado por normas e estereótipos de acordo com sua integração primária (classe, nação, etc) (Heller, 1985). O entendimento da sociedade através desses “óculos” e modos simplificados de enxergar o outro são frequentemente legitimados por parte dos integrantes do grupo, sendo elemento importante do conformismo. Nossa tendência à evitar o grande esforço exploratório de entender diversas visões, a necessidade nos posicionarmos e termos visões sobre elementos que não interagem em nosso

cotidiano são elementos que podem explicar como nos apropriamos de conceito provisórios e longe da descrição real.

Os juízos provisórios refutados pela ciência e por uma experiência cuidadosamente analisada, mas que se conversam inabalados contra todos os argumentos da razão, são preconceitos. (HELLER, 1985, pg. 47)

Existem diferentes modos de preconceito, sendo estereotipados ou não, podendo estar relacionado com o estereótipo, estereotipo comportamental, ressentimento sentimental e a própria racionalidade e sua auto justificação. Os preconceitos são formados nas integrações sociais e, dentro delas, das classes sociais, servindo para consolidar e estabilizar essa mesma integração. O sistema de preconceitos não é exclusivamente produzido pelas classes dominantes, mas é atribuído em grande parte a isso, visto as possibilidades técnicas de se manter uma ideologia hegemônica e preconceituosa contra as classes “dominadas”. A burguesia produz os preconceitos em muita maior quantidade que todas as classes.

A maioria dos preconceitos, embora, nem todos, são produtos das classes dominantes, mesmo quando essas pretendem, na esfera do para-si, contar com uma imagem do mundo relativamente isenta de preconceitos e desenvolver as ações correspondentes. O fundamento dessa situação é evidente: as classes dominantes desejam manter a coesão de uma estrutura social que lhes benéfica e mobilizar em seu favor inclusive os homens que representam interesses diversos (e até mesmo, em alguns casos, as classes e camadas antagônicas). (HELLER, 1985, pg. 54)

Os Estudos Culturais, importante linha teórica e metodológica de estudo dos fenômenos culturais é fundamental para discutirmos mais a fundo o papel da cultura, mídia, linguagem, cotidiano e comunicação nas construções dos estereótipos e arquétipos sociais. O autor Richard Hoggart (Hoggart, 1973), dirá que assimilamos o que lemos, vemos e interagimos midiaticamente como um tudo, automaticamente relacionamos as mensagens contidas ali com nosso cotidiana, construindo com diversas outras informações uma interação específica com esse conteúdo. Para ele, o poder da mídia se diluía na vida cotidiana. Já Edward P. Thompson colocará a cultura intrínseca a formação

das práticas sociais e definidora ampla das classes. A classe trabalhadora conceituada por Karl Marx não seria apenas formada e unida por sua atividade, mas também por aspectos culturais, definidoras socialmente de pertencimento a certa classe socioeconômica.

Luis Martino colocará precisamente alguns conceitos fundamentais dos Estudos Culturais que nos pautaram em nossa análise, principalmente pela concepção da recepção ativa e o indivíduo não mais como simples tábula rasa.

- 1) O lugar das apropriações dos meios de comunicação pela sociedade é o receptor, o público. Compreender a comunicação é compreender os usos feitos pelo indivíduo diante da mídia. Más de um indivíduo agregado a uma sociedade e, portanto, com as mais diversas relações. Todo espaço de cultura é um espaço político de construção de hegemonia, e se os meios de comunicação de massa transformam a cultura em um produto, a disseminação em larga escala dos produtos culturais, é o momento também de pensar os jogos da política cultural a partir da mídia.
- 2) Os meios de comunicação, nesse sentido, não são apenas o instrumento de imposição legítima de um padrão, mas também a arena das disputas de espaço pela construção de práticas significativas dentro de uma cultura em luta. A cultura popular – entendida aqui como a cultura pop produzida pelos meios de comunicação – é uma das responsáveis pela articulação de identidades cotidianas na medida em que é um dos principais elementos de definição do mundo.
- 3) Os Estudos Culturais entendem os meios de comunicação como uma produção cultural inserida em um contexto histórico e social particular. Sua ideia de “cultura” não está vinculada apenas às “produções do espírito”, mas a qualquer produção simbólica a partir da qual o ser humano entende seu mundo. (MARTINO, 2009, pg. 243)

Com preocupação sobre questões de minorias étnicas, sexuais e nacionais, os Estudos Culturais centraram parte de suas produções em combater a visão evolucionista e opressora sob esses grupos. Estudando a recepção e a identidade, autores como Stuart Hall trarão à tona academicamente a disputa social e simbólica das minorias pelo campo cultural. O pensamento hegemônico e sua reprodução através dos meios de comunicação será colocado e a recepção das minorias, conforme seu ser social e histórico serão discutidos por esses autores.

O olhar além do simples entretenimento ou da mídia pela mídia é importante para qualquer análise. Raymond Williams indicará uma dupla natureza na televisão e outros meios de comunicação: ao mesmo tempo que pode ser um importante espaço de expressão e disputa social e cultura, pode também reforçar ainda mais estereótipos negativos aos grupos sociais “minorizados”. O desequilíbrio dessa dualidade é clara e favorável aos detentores do poder midiático. O autor propõe que mudemos nossa forma de ler os meios de comunicação, pautando os contextos sociais, culturais e históricos e sua relação cotidiana. Williams tira do entendimento da cultura forjada nas instituições, mas nas suas inter-relações dinâmicas historicamente e traça um ponto de vista que critica o entendimento de comunicação como transmissão, complexificando a própria recepção e reposta além dos fatores técnicos.

Entendendo o contexto de classes e fraturas sociais e seu papel no campo educacional, a informação é um importante capital em disputa. Além disso, a própria informação é vista de modos diferentes por diferentes grupos sociais, se modificando pelo olhar do observando, mas preservando efeitos de sua disseminação em escala industrial pela classe dominante. O cotidiano é central na perspectiva como atuam os fluxos de comunicação na preservação de certos valores dominantes. O senso comum é fortalecido no cotidiano, naturalizando como verdades absolutas certas questões, incorporadas como códigos da realidade. O que for contrário a essas visões será negada pelos indivíduos desse social, principalmente por sua difícil compreensão epistemológica devido ao contexto.

O cotidiano quase nunca é visto. E, no entanto, o conjunto de eventos comuns de uma sociedade orienta-se no sentido de uma adequação aos parâmetros já estabelecidos. O cotidiano pode ser tornar, dessa maneira, o cenário ideal para a manutenção de uma ordem, na medida, em que sua aparente normalidade é a imagem que esconde os códigos traçados para lhe dar um sentido específico. (MARTINO, 2005, pg. 20)

No primeiro capítulo, citamos que os preconceitos, os conflitos e os debates do meio físico se expandem para o ciberespaço, visto a própria existência real do espaço digital. Não territorializada como o espaço geográfico, o mundo virtual representa e reproduz as diversões e diferenças geográficas, socioeconômicas e classistas, criando zonas de interação articuladas por membros pertencentes

à grupos sociais distantes. Portanto, a reprodução dos preconceitos, estereótipos e divisões sociais se repetem com novos meios de interlocução, posições de emissor e receptor ativo. Apesar de considerado um espaço democrático e igualitário por sua circulação e acesso, a Internet, é também ambiente de confronto das diferenças de classe, gênero, cor, idade, etc, questões importantes no Brasil.

No meio digital as violências simbólicas atingem de forma contundente as classes menos favorecidas, naturalizando a desigualdade através de meios ilusoriamente neutros (Souza, 2009). A internet se colocou historicamente como meio idealista para convergir as culturas e ser aparato da igualdade, diversidade e livre produção humana, usada como extensão do próprio homem. Como também canal de informações, as redes digitais veiculam ideologias, utilizando elementos construídos na realidade concreta mediatizados, formulando uma forma de apreensão e reprodução das informações no processo circulatório comunicacional.

Na discussão dos preconceitos, da legitimidade dos campos sociais, gostos e linguagem, é importante embasarmos nossa discussão em algumas concepções do sociólogo Pierre Bourdieu. O autor coloca em foco o estudo sobre os porquês da diferenciação do gosto e sua mutua influencia com o consumo. Toda essa questão é colocada dentro do conceito de campo e sistema, desenvolvidos por Bourdieu, além de aspectos marxistas e inter psicológicos que norteiam o uso do gosto como jogo de forças dentro dos habitus sociais (Bourdieu, 2007).

O gosto não possui apenas uma origem social, sendo utilizado para discriminar e hierarquizar, classificando socialmente. Usado como elemento de distinção (Bordieu, 2007). Essa diferenciação não ocorre apenas de forma neutra, mas de acordo com jogos de poder dentro de um contexto hegemônico, na luta de classes. Pode condenar classes sociais à “periferia cultural”, deslegitimando o uso que certo grupo faz da linguagem e suas formas de expressar-se no meio social, ou seja, de sua própria representação. Como afirmamos anteriormente, as relações sociais e as questões de poder estão presentes ideologicamente e objetivamente na disputa do espaço social e da legitimação da cultura e do comportamento.

Existe, portanto, uma luta constante pelo “bom gosto” ou gosto legítimo, que seria superior culturalmente aos outros, representando mais capital social (Bourdieu, 2001). São criados, consciente e inconscientemente, tabelas de critérios que definem quais os parâmetros para classificamos de forma hierárquica e de distinção os gostos e assim também as posições sociais de acumulo de capital que estão aliadas a estes.

A violência simbólica é, para falar o mais simplesmente possível, esta forma violência que se exerce sobre um agente social com sua cumplicidade. Para dizer isso mais rigorosamente, os agentes sociais são agentes sabedores que, mesmo quando estão submetidos a determinismo, contribuem a produzir as condições de eficácia do que os determina na medida em estruturam aquilo que os determina. (Bordieu, 1987, p. 159)

A luta pelo gosto legítimo se dá em espaços desiguais, com hierarquias sociais e relações de classes. Mesmo no meio digital, observamos que a reprodução dos preconceitos e das estruturas sociais por meio da linguagem na cibercultura, com uma disputa dos campos que reproduz desigualdades sociais, apesar de dar a entender um meio democrático e livre. Já começa pré-legitimado sobre qual seria o “gosto” legítimo por aqueles que se colocam como dominantes do espaço (Bourdieu, 1987). Dentro do jogo dos campos, o dominador necessariamente buscará se diferenciar do dominado, usando as estruturas já consolidadas de dominação. O dominador, através da violência simbólica, exerce certo tipo de violência contra um agente social, no caso, o dominado. Usando essa violência simbólica, o dominador constrói sua legitimidade.

Os agentes e os grupos de agentes são, assim, definidos pelas suas posições relativas nesse espaço. Cada um deles ocupa uma posição ou uma classe precisa de posições vizinhas – isto é, numa região determinada do espaço – e não podem ocupar, ainda que o façam em pensamento – duas regiões opostas do espaço. (BOURDIEU, 1984, p.3)

O campo, para Bourdieu, é relativamente autônomo, mas nunca completamente, sendo uma grande variável em construção de fronteiras e aspectos sociais. No ambiente digital a fluidez é marcante e a definição de campos torna-se cada vez mais difícil. Porém, a legitimação do “bom” e do “mal”, do “certo” e “errado” não são descolam, estando de acordo com os jogos

desses campos e sua forma expressiva. Um gosto ou uma forma de classificar algo nunca é neutro. O que é considerado natural ou ideal representa uma forma de dominação subjetiva e objetiva.

Os gostos, as formas de disputa dos campos, a interação social, etc, pode se analisada e expressa através da expressão linguística, articulação das informações e o discurso por de trás até das interações aparentemente mais deslocadas do viés político ou social claro. No ciberespaço, os modos de analisarmos a recepção e produção de sentido, assim como seu local no espaço é extremamente complexo e pressupõe a própria circulação e as zonas de contato como elementos chave na arquitetura comunicacional. Porém, optamos por prosseguir com a análise discursiva como forma de propor compreensão, escolhendo uma fanpage no Facebook específica para analisarmos as ideologias por detrás do padrão de postagens e repercussão. Para isso, embasaremos as questões relativas a linguagem no próximo tópico.

2 – Linguagem, discurso e suas representações

Colocarmos a linguagem em discussão é fundamental para compreendermos de que forma e qual a importância dela dentro da construção do indivíduo na sociedade, revelando suas possíveis ideologias e visões de mundo. Portanto, devemos observar a linguagem e os discursos como fundamentais produtores e reprodutores do social. A partir disso, podemos conferir como podem se associar os estereótipos, preconceitos e conflitos sociais na estruturação da linguagem e do discurso.

Segundo autores como Vygotsky e Bakhtin, o pensamento não existe sem a linguagem. Para o primeiro, pensamento e linguagem são distintos, mas indissociáveis dentro do processo evolutivo humano, quando o autor marca o trabalho e a apropriação de linguagem sob certas ferramentas como o formador da consciência humana em seus primórdios. Vigotski ainda (2005, p.7) atenta para o ponto quando explicita de que “A transmissão racional e intencional de experiência e pensamento a outros requer um sistema mediador, cujo protótipo é a fala humana, oriunda da necessidade de intercâmbio durante o trabalho”. Assim fica clara a interdependência entre consciência individual, social e o desenvolvimento linguístico.

Bakhtin enxerga a linguagem como a realidade concreta da consciência, determinante da existência objetiva material do indivíduo. A consciência, portanto, seria formada de fatores sociais e não biológicos, determinante em como o ser humano enxerga o mundo e, assim, forma sua realidade. O autor se afasta do conceito popular da consciência como algo individual, mas sim formado no social, sujeito às coerções.

A atividade mental do nós não é uma atividade de caráter primitivo, gregário: é uma atividade diferenciada. Melhor ainda, a diferenciação ideológica e o crescimento do grau de consciência são diretamente proporcionais à firmeza e à estabilidade da orientação social. Quanto mais forte, mais bem organizada e diferenciada for a coletividade no interior da qual o indivíduo se orienta, mais distinto e complexo será o seu mundo interior. (BAKHTIN, 1981, p. 115)

Seguindo a linha materialista, Leontiev (2004, p.94) usa a concepção de que a linguagem é a manifestação da consciência real de todos os homens, ao mesmo tempo em que a própria consciência só existe graças à linguagem. Podemos ainda dizer que a consciência individual só existe na condição em que há a consciência social, pois é necessário que aquela esteja inserida em uma realidade com significações e conceitos linguísticos elaborados em sociedade. Do mesmo modo, “a produção da linguagem como da consciência e do pensamento está diretamente misturada na origem, à atividade produtiva, à comunicação material dos homens” (Leontiev, 2004, p.93). Ao refletir sobre a concepção de Leontiev, a linguagem aparece, portanto, como produto das generalizações e abstrações do processo da atividade, do uso dos instrumentos, nas interações sociais de trabalho, bem como na transformação da natureza.

Para Noam Chomsky (1957, apud Petter, 2007, p.15), a linguagem como habilidade de se comunicar é “uma capacidade inata e específica” e “própria da espécie humana”. Para haver a comunicação entre indivíduos são necessários vários fatores em comum. O primeiro – e talvez mais básico deles – é a língua. A língua, segundo Ferdinand de Saussure (1969, apud Petter, 2007, p.14) é “um sistema de signos”, ou seja, é a parte social da linguagem que é exterior ao indivíduo e deve ter um significado compreendido por todos os membros daquela comunidade.

Apesar de haverem várias formas de comunicação e muitas linguagens diversas comumente utilizadas, a linguística estuda apenas a linguagem verbal humana, diferenciando-se da semiótica, que estuda todo e qualquer sistema de signos utilizados para a comunicação. Esse enfoque se deve à complexidade da fala que carrega em si além do conteúdo da mensagem uma carga de informações como sentimentos, emoções, denotação de ironia entre outras pela entonação de voz. Diferencia-se também da gramática, pois esta tem por objetivo descrever a língua e ditar como a língua deve ser utilizada, a partir de normas. A linguística não se prende ao conceito de certo e errado na fala. Sua análise está nas diferenças dos padrões sonoros e gramaticais da fala entre indivíduos de uma comunidade sem o julgamento crítico de estética ou juízo de valores morais, como explicita Dino Pretti (1997, p.31) ao analisar o dialeto social culto diretamente ligado à padronização, e o dialeto social popular que sofre influência das características sociais e culturais do ambiente do falante.

Partindo dessas concepções, deslocaremos a questão da linguagem da visão simplória e passiva para a ideia de que ela determina a maneira como percebemos a realidade, sendo, ao mesmo, produto histórico das relações sociais e da nossa maneira de ver o mundo.

Isso significa que a linguagem condensa, cristaliza e reflete as práticas sociais ou seja, é governada por formações ideológicas. Ao mesmo tempo, porém, em que é determinada é determinante, pois ela “cria” uma visão de mundo na medida em que impõe ao indivíduo uma certa maneira de ver a realidade, constituindo sua consciência. (FIORIN, 2007, pg. 35)

O pensador italiano Antônio Gramsci pensará como se dá a linguagem em relação ao poder e a política, destrinchando o ciclo construtivo dos conceitos. A linguagem, na medida em que expressa concepções de mundo de um certo “jogo” social, reverbera concepções estabelecidas historicamente que estão intrinsicamente ligadas às relações de poder e de classe no espaço social. Ou seja, o autor chamará de “senso comum” como certas ideias acumuladas que se apresentam como verdades absolutas, surgidas do nada e que não devem ser discutidas. O senso comum serve à classe dominante e suas ideias, articulando, por meio da linguagem, sua manutenção e freando a chamada “disputa das mentalidades”. Utilizando do conceito de “meios de comunicação

de massa”, o autor enxerga este como uma ferramenta importante na articulação da cultura popular para a manutenção da hegemonia na disputa do espaço social.

Na medida em que o senso comum se articula nas formas linguísticas, ganha progressivamente a aparência de verdade e a ilusão da ausência da história é criada. A linguagem cotidiana do senso comum deixa para trás a história de sua própria construção. Quando se utiliza uma linguagem no cotidiano, usa-se todos os conceitos e ideias carregados com essa linguagem. A hegemonia no campo da linguagem abre caminho para a criação do consenso a respeito dos conceitos possíveis para se ver o mundo, e, desse modo, uma interpretação específica da realidade torna-se, pela via do senso comum, a concepção de mundo. (MARTINO, 2009, pg. 73)

Na esfera da linguagem, o discurso é fundamental. O discurso está dentro do conteúdo ou significado dos signos linguísticos, manifestando-se na expressão dos signos, ou seja, nos significantes. O mesmo discurso pode ser expresso de diversas maneiras, com formas particulares de articulação e estruturação, criando e recriando conteúdos, modificando-se particularmente caso a caso. Porém, o discurso não é um simples conteúdo que reflete a realidade, mas construtor e articulador de nossas concepções, existe na realidade material e é possível sua análise. “[o discurso] é a língua como assumida pelo homem que fala, e na condição de intersubjetividade que só a comunicação linguística torna possível” (apud Charaudeau e Maingueneau, 2006, pag. 169).

No estudo da comunicação e da linguagem, a recepção também é vital dentro do contexto midiático. No digital apresentado no capítulo anterior, observamos que a circulação, situada na “arquitetura comunicacional” e na crescente midiaticização (Fausto Neto, 2010), modificam-se também as possibilidades dinâmicas e sua análise. Não mais isolada da análise e “invisível”, a circulação requer complexidade analítica de linguagem e técnica. Nas ciências da comunicação, os modelos de estudo tiveram a transmissão de informação entre um emissor (ativo) e receptor (passivo). Esse fluxo, que descarta o papel ativo da recepção, toma conta dos efeitos e da intencionalidade das mensagens, assim como a posição de seus produtores e receptores. O fluxo era visto, portanto, apenas como uma passagem, um intervalo, que não deveria atender nosso olhar crítico. Essa formulação perde força com o tempo, deflagrada a multiplicidade de fatores que condicionam a ação midiática além

do tecno-discursivo. A recepção ganha complexidade, deixando de ser mero consumidor dos meios.

A enunciação, por sua vez, é igualmente complexificada, devido à apropriação do sujeito enunciador da linguagem para se referir ao mundo objetivo, baseado em sua construção social e posição na produção das mensagens. Porém, não se trata de tirar as relações e os lugares de produção/recepção do discurso, mas atentar-se a nova ordem interdiscursiva, colocando a circulação como elemento fundamental. (Fausto Neto, 2010). É retirada da gramática o posto de principal local e elemento ao analisarmos os discursos e suas intenções, colocando as dinâmicas entre produção e recepção como centrais. A fronteira na gramática perde sua força, dando lugar às co-enunciações nos novos dispositivos circulatórios, ou seja, uma nova interface.

A associação do conceito de circulação associado à noção de dispositivo tem a ver com as profundas alterações tecnológicas, na forma de meios de discursos, que engendram a “arquitetura comunicacional”, hoje. Os mídias não são apenas compêndios de um processo interacional, mas oferecem seus postulados e lógicas para a própria organização social. Instituem, por suas novas feições, zonas complexas de intensos feedbacks entre atores removendo posições, redefinindo protocolos de comunicação, estabelecendo novas concepções e natureza de vínculos, alternando espacialidades e temporalidades sobre as quais se funda o ato comunicativo. (FAUSTO NETO, 2013, p. 63)

Em um novo contexto digital e de dispositivos circulatórios, o receptor modifica também os seus status e as relações sociais dentro de diferentes espaços midiáticos, sendo coordenador de seu próprio consumo de mensagens.

As novas formas de interação emissor-receptor e arquitetura comunicacional abrem espaço para acesso e mobilidade única ao indivíduo. Assim, as “zonas de contato” (Fausto Neto, 2011, p. 240) seriam o espaço em que produtores e receptores agem no trabalho enunciativo, colocando suas próprias lógicas experiências em conflito e articulação, negociando o “trânsito de discursos” e de sentidos. Ao mesmo tempo em que o sistema penetra suas lógicas nos meios, os meios de forma recíproca em maior ou menor medida. A complexidade de contatos e o enfraquecimento do mediador ativo, resulta também na alteração das relações de produção e recepção de discurso. A

análise dessa circulação midiática e das “zonas de contato” requer um olhar técnico-discursivo.

Nesse sentido, produção e recepção não são vetores que desaparecem, mas atualizam suas condições segundo novas dinâmicas de contatos animadas pela tensão acesso/fixação/dissipação – elementos que vão configurando novas possibilidades interacionais. É numa busca por adequar-se a essa nova circulação, que a realidade midiática impõe modos de funcionamento da zona, tentando atrair para um outro tipo de parceira à recepção. (...) O que esta reflexão pretende destacar é, justamente, o modo com que se produzem as induções de deslocamento do leitor para ser instalado na zona, mas, também para as tensões que aí se passam, sinalizando que o trabalho interacional permanece em aberto. (FAUSTO NETO, 2012, pg. 14)

A circulação midiática reconstrói as próprias representações simbólicas-discursivas, alterando variadas identidades e concepções de acordo com o modo e como são compartilhadas no ambiente digital de acordo com seu compartilhamento público. “Um determinado discurso em circulação na sociedade produzirá uma multiplicidade de efeitos, uma vez que tal estratégia vai lidar com uma existência e multiplicidade de outros discursos” (Fausto Neto, 2007, p. 23). A reconstrução dos simbolismo e dos discursos é constante, específico e rápido, colocando-se em um espaço de latente embate e recodificação. A produção e a recepção ganham traços de “etapas”, sendo parte um processo complexo, tirando assim sua centralidade histórica. A comunicação deixa de ser concentrada em polos e passa a receber um olhar fluxo e dinâmico (Amar, 2011, p. 44). Porém, não podemos fechar nossa análise ao fluxo como algo além das variáveis de interação entre emissor-receptor, mas como lógica de produção e reprodução de sentidos, símbolos, discursos e relações sociais. São instituídos apenas polos momentâneos e fugazes de produção e reprodução.

A circulação institui nova reconstrução de sentidos, fazendo parte de forma recíproca da arquitetura comunicacional. Desse modo, o intersubjetivo ganha força no espaço de livre produção e circulação, evidenciado pelo conflito dialético constante entre ideias, discursos e simbólicos de diversos agentes em contato público.

Neste trabalho, além de observarmos o processo de circulação midiática, utilizaremos a análise de discurso como método de pesquisa para propor criticamente observar no discurso dos posts da fanpage AjudaLuciano quais seriam os principais traços e discursos estereotipados e preconceituosos por de trás e sua construção e circulação. Ciente das limitações do método no contexto digital complexo e fluxo.

A análise de discurso (AD) é uma proposta metodológica de compreensão dos objetos de linguagem e sua relação complexa com a ideologia e o concreto. O campo da língua e dos estudos da sociedade, como relações históricas de força e dominação ideológica. O discurso seria central na materialização do contato ente o linguístico e o ideológico (Orlandi, 1990).

a AD mostra que o sujeito e a significação não são transparentes e aponta para uma relação problemática das ciências sociais com o política, na medida em que estar supõem essa transparência da linguagem (ORLANDI, 1990, pg. 26)

A análise de discurso se encontra, portanto, tanto no campo das ciências sociais quanto da linguística. Ela se constrói no intervalo entre os dois campos, na relação entre objetos linguísticos e históricos. Sendo uma semântica, a AD não compete apenas a análise simples de conteúdo, mas as formação sociais contidas nas especificidades. A própria concepção de sujeito entra em problematização.

Os discursos estão condicionados a regras de organização de um grupo social, ou seja, moldes de interações, narrativas, diálogos, argumentações, textos, etc. Impondo regras normativas e condicionamentos sociais, assim como legitimação dessas concepções para certo grupo (Maingueneau, 2001).

Assim é que a própria noção de ideologia é outra na AD. A noção de história é outra. A noção de sujeito é outra. Porque só se define pelo seu caráter iminente constituído pelo outro termo do sintagma de que participam, ou seja, da linguagem. (ORLANDI, 1990, pg 28)

Contudo, esse método não é um instrumento neutro, carregando consigo a historicidade do próprio analista e de suas visões de mundo e base teórica. A historicidade tem papel importante nesse tipo de análise, fundamental para a compreensão e contextualização do objeto linguístico. A análise de discurso

não considera mais o sujeito como responsável pelo sentido que produz, apenas em partes. (Orlandi, 1990). Foge do enunciador o poder de expressar completamente suas intenções ideológicas, dependendo da mídia, do local, da complexidade do receptor, etc.

O que a AD faz com respeito a isso é explicitar o funcionamento do discurso em suas determinações históricas, pela ideologia. Quanto à ideologia, é ainda em relação ao poder que ela é considerada na perspectiva discursiva. (ORLANDI, 1990, pg. 35)

A mídia também é elemento chave para observamos os discursos nas formulações linguísticas, não sendo apenas um simples meio (Maingueneau, 2001). Não sendo apenas um simples meio, constitui aspectos aos conteúdos e limita os modos de uso possíveis. Quando a mídia sofre uma mudança, o conjunto de discursos também é modificado em certa medida. É necessário, portanto, não levar em conta apenas o dispositivo comunicacional como mero suporte, mas como espaço de organização da expressão. “O modo de transporte e de recepção do enunciado condiciona a própria constituição do texto, modela o gênero de discurso” (Maingueneau, 2001, pg 72).

Comumente diferenciados, expressão escrita e oral, não podem ser colocados como modos totalmente distintos de linguagem, principalmente no ciberespaço e na convergência das mídias. Tanto o meio escrito pode apresentar estruturação vinculada à fala quanto o contrário, ou mesmo em um processo fluxo simultâneo das mídias. A pluralidade possibilidades nas novas mídias problematiza ainda mais esses conceitos, mostrando milhares de formas midiáticas. Apesar da velocidade e proximidade da comunicação na atualidade, o enunciador parece torna-se mais distante ainda do que visa atingir com sua expressão, podendo ser apropriada de milhares de formas por outros usuários, possibilitando infinitas análises discursivas de acordo com a circulação nessa mídia e sua atribuição para o grupo de atores nas redes.

Evidenciando e relacionamento concepções, métodos e reflexões fundamentais, ou seja, comprovando a importância do estudo da linguagem, das teorias sobre estereótipo, preconceito e sua apropriação pela classe dominante como discurso dominante hegemônico, cuja objetivamente ou subjetivamente. No ciberespaço as relações sociais são drasticamente

reformuladas com a midiaticização, o empoderamento do indivíduo, a livre produção de conteúdo e as novas formas de comunicação e conflito, entre outros vários fatores que alteraram a arquitetura comunicacional nesse estado. Nossa olhar se dará sobre como podem se recodificar as disputas de classes, o discurso dominante e as formas de oprimir através da linguagem nesse ambiente digital supostamente igualitário, que na verdade carrega consigo antigos modos de diferenciação, afirmação e dominação.

III – A reprodução do preconceito no Facebook – Análise da fanpage AjudaLuciano

Conforme suscitado durante o presente trabalho, observaremos, através da análise de discurso e circulação midiática, algumas possibilidades de produção e reprodução dos preconceitos no ambiente digital e como podem se recodificar constantemente. Para isso, selecionamos a fanpage AjudaLuciano como objeto de pesquisa, compreendendo seu aspecto humorístico e crítico ao modo como indivíduos se comunicam nas redes sociais. Em suma, o canal é pautado pela busca de “erros” ou formas de expressão desqualificadas pelo padrão dominante do ciberespaço, sobretudo brasileiro.

Para isso, levantaremos, através de observação qualitativa, postagens que possuam, em seu conteúdo, expressões que caracterizem “materialmente” o preconceito e o estereótipo sob as classes socioeconômicas menos favorecidas, ou, mais precisamente, da ideia coletiva de atributos que formulam um indivíduo brasileiro em certo ciclo sociocultural. Os preconceitos aqui apresentados darão conta de demonstrarem, de forma abrangente, uma gama profunda de laços tecno-discursivos que denotam a diversos tipos de preconceitos, com motivações e implicações sociais complexas. Sabendo da multiplicidade de aspectos, limitaremos nosso olhar ao que consideramos uma somatória de “motivos” para considerarmos algo preconceituoso ou não. Assim, preconizaremos por escolher postagens, independente de data ou índice de participação, que concretizem dentro da proposta humorística da página os seguintes elementos: ridicularizando e menosprezando pelo uso da linguagem gramatical dos usuários, relato com pedido de auxílio que atente aos temas sociais críticos (violência, pobreza, moradia, saúde, educação, conflitos

familiares, precariedades, entre outras) e o modo de se referir ao interlocutor, ou seja, a relação que os usuários aparentemente acreditam ter com aquele à quem remetem a mensagem. É evidente que outros temas relativos ao preconceito tangenciam essa questão, como os preconceitos étnicos e de gênero, porém, nos atentaremos neste trabalho ao enfoque de uma ideia totalizante e reducionista do “pobre”.

Devemos ter atenção também ao enfatizar que o preconceito não se expressa isoladamente referente à posição socioeconômica do usuário, a qual é abstrata e de difícil comprovação empírica, mas ao próprio acesso deste indivíduo aos meios digitais. O modo como indivíduos compreendem e articulam suas produções no ciberespaço, espaço este novo e que possibilita, de certa maneira, o encontro entre diferentes classes e campos sociais que possuem construções sociais marcadas por suas questões históricas, sociais, materiais e culturais, dando o poder de produção e reprodução própria de sentidos norteiam nossa análise. A faixa etária é outro aspecto importante dentro da página analisada, porém também implícita. A análise deve se atentar as possibilidades da circulação midiática e da subjetividade contida nas compilações humorística. A AjudaLuciano não expressa de modo evidente e direto formas de oprimir certos grupos, mas na forma como recodifica e exprime produções de outros usuários, caracterizando o humor e apontando, mesmo que não claramente, os elementos daquela mensagem que causam o riso. É em sua “repostagem” e as zonas de contatos que transcrevem os discursos que se ampliam as possíveis ideologias transmitidas e alteradas pelo receptor ativo.

A página foi criada em setembro de 2012 e teve seu ápice no ano anterior, ganhando estabilidade em 2014. A AjudaLuciano, criada pelo usuário Sean Wilhem, é classificada pelo criador como um “site de entretenimento”, veiculado à própria Rede Globo, claramente um ironia dos autores. Atualmente a page conta ainda com outras mídias, como Twitter³ e canal no Youtube⁴, porém, seu

³ <https://twitter.com/AjudaLucianoTT>

⁴ <http://www.youtube.com/user/AjudaLuciano>

principal meio continua sendo o Facebook. Como forma de alimenta-la ainda mais, a página organiza um grupo⁵ na própria rede para receber e a contribuição dos usuários, em uma espécie de produção colaborativa e interativa, iniciada através de pesquisa no Facebook e focalizada nas postagens da AjudaLuciano.

Nas informações pessoais consta o seguinte: “Página criada em 2012 por Thiago (chuck) Pond e Sean Wilhelm, uma compilação bizarra dos melhores comentários”. O objetivo de criar compilações “bizarras” de comentários já nos deixa indícios dos métodos utilizados pelos produtores dos conteúdos: realizar buscas constantes de comentários no Facebook que estejam fora dos padrões considerados legítimos pelos grupos hegemônicos desse espaço, utilizando do humor e do riso como produto final. Criado por usuários das redes digitais e não por grandes veículos de comunicação, a Fanpage não detém de artifícios estéticos ou estratégias sofisticadas de comunicação, mantendo sua própria aparência amadora como atrativo humorístico. Essa atração ao amador é elemento claro da cibercultura, onde observamos o empoderamento do usuário frente aos meios de comunicação tradicionais, produzindo de forma livre em aparente democracia.



Figura 1 – Página AjudaLuciano

Visto a ideia dos criadores de gerar humor a partir dessa forma de organização e reprodução dos comentários “bizarros” no Facebook, foi preciso uma

temática para estruturar esse modo de comunicação humorística. Os autores viram na página oficial do apresentador e empresário brasileiro Luciano Huck, uma fértil fonte de conteúdo. Ao abrir espaço para a interação com fãs e demais usuários da rede, a fanpage “Luciano Huck” viu uma grande quantidade de comentários em forma de mensagens ao apresentador, na maioria das vezes, pedidos de auxílio. Porém, as “zonas de contato” geradas com o espaço oferecido para colaboração, mostram-se pouco interativas e construtivas, focando-se em uma relação que lembra o simples fluxo emissor-produtor. Talvez a diferença principal esteja na interação entre os próprios “comentaristas” e sua forma de introduzir ideias, formatos e discursos na própria publicação, recodificando e afastando a intencionalidade do emissor, em um processo de diversificação dos sentidos.

Diferente da AjudaLuciano, a página oficial do apresentador demonstra sofisticação e personalidade em seu formato, deixando evidente o trabalho “profissional” realizado, tirando seu aspecto amador. Com pouco mais de 15 milhões “curtir”, Luciano Huck é hoje uma das figuras mais influentes do Brasil, principalmente na Internet. O apresentador carrega consigo uma inabalável imagem de “bom moço”, rico, saudável e generoso, elementos muito próximos dos estereótipos forjados sobre as elites e o “bom burguês”.



Figura 2- Página oficial de Luciano Huck

Huck ganhou projeção nacional por meio de outros meios de comunicação, essencialmente na televisão. Apresentador do programa “Caldeirão do Huck” na Rede Globo, conhecido pelo enfoque em ajudar e beneficiar pessoas com problemas econômicos, sociais ou de saúde. Os quadros “Agora ou Nunca”, “Lata Velha” e “Lar, Doce Lar” auxiliam os participantes na resolução de problemas, principalmente financeiros. Luciano Huck se coloca como protagonista dessas ações em seu programa, sendo parte da construção de sua “boa reputação”.

Com seu enfoque popular e filantropo, o apresentador naturalmente atrai milhões de fãs de diversas faixas etárias e classes socioeconômicas, Personagem vinculado ao meio majoritariamente televisivo, Luciano Huck migrou sua imagem, estilo e influência também para as redes digitais, rearticulando seus discursos e símbolos no ciberespaço, em constante remodelamento de acordo as mudanças e variações da cibercultura e da interação ativa com seus públicos.

Seus fãs antes tinham a barreira da televisão como distância evidente em aproximar-se dos personagens televisivos, sendo possível apenas por métodos pouco interativos e pessoais, como telefone, e-mails e cartazes. Hoje, as redes digitais promovem uma nova circulação e espaço de interação entre emissores-produtores, impondo “zonas de contato” e alterando subjetivamente sentidos. Os telespectadores se sentiram cada vez mais ativos e participantes dos meios de produção do entretenimento e comunicações, participando ativamente das publicações em redes digitais. Esses públicos, que antes viam apenas pela televisão, foram incluídos no meio digital, tendo acesso a ferramentas que possibilitam um espaço de interação quase pessoal com as figuras públicas. Ao mesmo tempo em que isso ocorre, sua forma de expressar e interagir nesse espaço novo para eles é diferente do modo como os grupos hegemônicos já atuavam no ciberespaço, em que foram delimitados padrões comunicacionais entre os atores, deslegitimando os “novatos”. Por detrás disso, carrega necessidade do grupo hegemônico delimitar quais atributos linguísticos se fazem necessários no uso do Facebook.

Apesar do evidente afastamento do apresentador na sua interação real com o público nas redes digitais e também a evidente “profissionalização” de sua estrutura e alimentação, boa parte dos usuários que busca a participação nos espaços oferecidos pela fanpage usa um tom pessoal e direto, tal qual uma relação de amizade. Uma das marcas das falas é o pedido por auxílios na resolução de problemas, na maioria das vezes socioeconômicos. Esse pedido de ajuda se relaciona diretamente com a imagem criada por Huck, além de denotar a possível carência de recursos econômicos de parte desse público. Ao menos no imaginário daqueles que observam humor nesses comentários, os elementos tecno-discursivos e o pedido de ajuda se vinculam às classes menos favorecidas economicamente ou com inclusão digital tardia. Termos coloquiais, linguagem falada, simples e pessoal são alguns dos elementos de parte das interações com o perfil de Luciano Huck.

A AjudaLuciano, diferentemente de páginas oficiais, é pautada quase integralmente por postar comentários colhidos em outras páginas, especialmente da fanpage de Luciano Huck, todas com a temáticas semelhante. A produção exercida é efetivamente reprodução, recorte e recodificação de construções midiáticas, discursos e simbologias, assim como de intencionalidade e estereótipo. Dessa forma, observamos o claro fenômeno de ressignificação por parte do emissor, o qual é receptor e observador em outro contexto. É importante também constatar como um perfil amador explora as nuances das “zonas de contato” de outro “veículo” profissional, ganhando estilo e público própria dessa forma, com a formação humorística das compilações.

Podemos observar como primeira inferência que temos disputas de campos culturais e de consumo nas redes, no caso, nessas páginas. Para Bourdieu (2001), os agentes sociais disputam a legitimidade e os “troféus” dos espaços em que atuam, suscitando busca por acúmulo dos variados capitais de acordo como se expressa a hegemonia em cada campo. No atual contexto brasileiro, observamos que parte da população almeja disputar o capital do consumo e o digital, ou seja, ter acesso e fazer parte dos produtos, ferramentas e mídias que classes mais favorecidas obtêm. Para entrarem na disputa desse capital, articulam-se para adentrarem adequadamente aos padrões estabelecidos. Por

exemplo, ao ter acesso aos bens de consumo e a internet, o novo usuário se espelha nas principais redes sociais e modos de uso das redes já consolidados. Temos a percepção que o primeiro passo é criar um e-mail e um Facebook, e ai por diante. A tendência é maior interação quanto maior acesso e legitimidade social tiver. Porém, podemos também entender que a disputa do capital cultural não é tão padronizado e coeso quanto parece ser. Esses usuários mantêm seus costumes, sua identidade cultural, seu capital cultural entre sua rede de contatos é estabelecido em regras diferentes do modo dominante e hegemônico de expressão e interação. Os usuários já “antigos”, detentores da pose de elite daquele espaço, naturalmente irão repudiar e resistir desse novo público que trás consigo um capital cultural que em certa parte dificilmente poderá ser disputado. Os conflitos serão inevitáveis, sendo eles objetivos ou subjetivos. Tanto dominantes quanto dominados utilizarão de formas de discurso e símbolos para ou oprimir ou resistir, processo que também se dá em campo não claramente e conscientemente construído. Não podemos concluir que a grande maioria dos usuários e das páginas no Facebook expressam aversões e disputas de classes de forma consciente e objetiva, mas os discursos e o modo de circulação midiática podem ser esmiuçados e nos mostrar a ideologia e o agir prático vinculado e resultante da comunicação.

Como falamos durante o trabalho, o estereótipo é um forte elemento usado em favor da manutenção do senso-comum e do pensamento hegemônico. O indivíduo enxerga a sociedade através da simplificação dos estereótipos, atribuindo recortes reais ou não para classificar coisas e grupos dos quais não se tem o conhecimento efetivo e complexo. É um elemento que limita a visão e a nossa própria proximidade com o outro, claramente imposto pela legitimação dos gostos e a forma de expressão (Heller, 1985). Quando são usados para consolidar integração social, se tornam meio de preconceito. Os usuários considerados hegemônicos detêm de maior legitimidade, técnica e poder comunicativo para reproduzir esses preconceitos e atingir aqueles que, para eles, não deveriam pertencer a aquele espaço. Devemos atentar que o conservadorismo é reforçado por meio desses estereótipos e preconceitos nas

redes digitais, atingindo parte das mesmas classes e indivíduos que são oprimidos no convívio social geográfico.

Vejamos que a própria forma humorística e enfoque de rir daqueles que não lhe usam o ciberespaço do mesmo modo e compreendem a mediação de outra forma está umbilicalmente ligada ao reforço do que é legítimo e do que deve ser “combatido” nas interações sociais, na maioria das vezes atreladas ao estereótipo social carregado por estes usuários. Observaremos que boa parte dos participantes possui faixa etária aparentemente mais avançada que o público majoritário das redes, ou mesmo apresenta traços estereotipados de classes socioeconômicas que adentraram ao meio digital à pouco tempo ou apresentam pouca participação ativa. Ou até mesmo, usuários que, como afirmamos anteriormente, mantêm seus traços culturais, inclusive comunicacionais, discursivos e simbólicos por meio da manutenção de seu capital cultural específico de acordo com o meio concreto em que atua. A apropriação e a inclusão são recodificadas e ressignificadas na cibercultura, convergindo mídias e usuários de forma ampla, abrindo espaço para a formação mais ativa dos receptores até então muito mais distantes da atuação interativa com os meios de comunicação de massa e seus personagens.

A linguagem e a atividade discursiva, conforme demonstrado anteriormente, são fundamentais e vitais na construção social do ser, ou seja, sua forma de enxergar a realidade, sua ideologia, modo de interação, etc. Com isso, observamos que as mídias e suas mensagens influenciam, produzem e reproduzem discursos, símbolos e estéticas que influenciam diretamente nessa construção social. Quando realizamos uma piada com uma classe oprimida, mesmo que seja teoricamente indiretamente, reproduzimos consigo o discurso hegemônico e nossos anseios de diferenciação daquelas aos quais nós ridicularizamos. Ao não usar as ferramentas e a linguagem do modo com os grupos dominantes utilizam, os usuários são ridicularizados e motivo de piada por outros grupos. Denota-se um claro paralelo entre esse fato e a os preconceitos e estereótipos causados por relações materiais e sociais, no espaço físico. No ciberespaço o discurso dos meios de comunicação e da hegemônica ainda detém força, mas precisa se construir de novas formas, muitas vezes não consciente ou programada. Os usuários têm o

empoderamento de criar as próprias páginas, dialogar entre si, competir com os “profissionais” da comunicação e com a grande estrutura das organizações de comunicação. Mas é ilusório pensar que por esse motivo estamos observando uma transgressão aos valores do senso comum, o que parece demonstra-se evidente é um aparente espaço de múltiplas criações, discurso e opiniões, que, na verdade, faz parte dos mesmos antigos valores construídos no social. Não tivemos uma “revolução educacional” ou uma ruptura drástica de valores, mas a recodificação e notável amplitude de complexidade nas interações midiáticas e dos espaços sociais. É evidente que o processo também dá voz aos pequenos relatos, aos grupos antes excluídos dos embates e da produção midiática, introduzindo novos discursos e pluralidades. Ao mesmo tempo, os usuários mantêm seu capital cultural em boa medida, tendo a liberdade e o poder de não se adequar ao existente, mas reconstruí-lo por sua vontade própria e de acordo com seu meio social.

Em nosso trabalho, trabalharemos diversos posts da AjudaLuciano para concretizarmos estas concepções. A partir dessas análises, traremos um panorama amplo de como a hegemonia pode se articular, os embates e as possíveis apropriações do conteúdo por usuários. Portanto, iniciaremos a análise de posts, comentários e repercussão.

Publicado no dia 25 de outubro de 2014, o post abaixo contém todos os elementos comuns a proposta humorística da página: um pedido de ajuda ao apresentador Luciano Huck, falta de uso de norma culta e elementos que denotam uma usuária fora dos padrões do hegemônico ou “legal” do Facebook. Aparentemente com idade acima da faixa etária média, contando parte de seu cotidiano e assuntos considerados do âmbito privado, delicados para a maioria das pessoas, mas expressos de forma aberta no comentário.



Figura 3 – Postagem dia 25 de Outubro de 2014

É interessante notar como a usuária refere-se ao programa Caldeirão do Huck sem a necessidade de formalidades, dando a entender que compreende que o comentário na página de Luciano Huck é um meio direto de chamar atenção para sua história, seu relato. Pelo apelo do programa, é natural que boa parte de seus telespectadores busque formas de participar, contando seus relatos. As histórias contadas no Caldeirão do Huck partem de casos de pessoas com condições socioeconômicas desfavoráveis ou com graves problemas. Ao fim da história, Huck apresenta auxílios para resolução dos problemas, causando comoção. Fica evidente que a escolha pela compilação desse comentário implica em certo discurso de menosprezo ou afastamento dos problemas da usuária e sua forma de interação, causando o efeito contrário: o riso. O estereótipo está construído e evidente, limitando a usuária apenas a um relato “fora da etiqueta do Facebook” isoladamente, sem analisar em que implica essa forma de discurso.

É problemático utilizar esta mensagem de forma humorística e em outro contexto midiático, longe da intencionalidade da emissora é descaracterizar os possíveis anseios expressos pela história, seja ela real ou não. No texto, a usuária relata discussões frequentes com seu marido sobre a rotina em família, o que, segundo ela, resulta em agressão de seu marido e posterior violência mútua. O relato conta como Neila revidou às agressões do marido de forma agressiva, atingindo-o com um tijolo e jogando suas roupas fora, além da ameaça de ligar para a polícia. O comentário mostra uma breve história de

grave violência doméstica, arraigada em nossa cultura, fazendo vítimas fatais todos os dias no país. Apesar do final do relato não concluir em gravidades fatais, a história carrega em si o discurso da naturalização da agressão da forma que é contada, e principalmente quando tirada de contexto.

Portanto, além de descontextualizar e ridiculizar o possível ocorrido, a página AjudaLuciano aponta o comentário como “bizarro”, fora dos padrões pelos “erros” gramaticais, o que colabora para deslegitimar a seriedade do relato. Observamos como a circulação midiática influi na recodificação dos sentidos discursivos, dessa vez em pró (intencionalmente ou não) de apresentar o comentário como produto totalmente diferente de quando foi expresso pelo emissor. O problema vem a quem serve esta mutação tecno-discursiva do enunciado “original”, como no caso atende a legitimação dos atores dominantes daquela particular parcela do ciberespaço. Dentro desse campo, tal forma de interação será afastada da disputa pelo capital tecno-discursivo. Em caso da usuária escrever o mesmo texto, um pouco mais de acordo com os padrões considerados “corretos” em seu próprio perfil, o humor provavelmente não seria gerado, mesmo tirado de contexto e recodificado. É interessante notar os múltiplos discursos possíveis de acordo com a circulação midiática.

No Facebook, é possível agir em contato com o post utilizando ferramentas como: comentar, curtir e compartilhar. Nessa postagem, tivemos em torno de mil compartilhamentos, o que nos faz provavelmente concluir que outras milhares de representações discursivas serão expostas com o mesmo material. Vejamos que, a usuária inicialmente fez um comentário de relato pessoal ao apresentador Luciano Huck por meio da fanpage oficial do apresentador em 2012. Esse comentário foi compilado e postado em outro contexto em 2014 na página humorística AjudaLuciano, onde permite interação com outros atores sociais com intencionalidades diversas e em contextos diferente ao receptor. Ao compartilhar essa postagem, a multiplicidade de sentidos e apropriações são praticamente incontroláveis. O que nos resta é perceber que a o caráter da fanpage sobre a mensagem pode reforçar estereótipos e preconceitos e desqualificar a linguagem da usuária Neile. A produção e emissão, conforme comentamos (Fausto Neto, 2012) como vetoriais desaparecem, possibilitando novas dinâmicas, contatos e, assim, interações. O modo como é possibilitada a

interação emissor-receptor nas redes digitais induz e desloca os atores participantes à zona de interação e suas complexas tensões.

A “onda” de compartilhamentos pode reverberar ainda mais discursos humorísticos que escondem outros diversos modos de compreensão do enunciado, assim como os comentários na postagem. A disputa social se faz presente, mesmo que de forma subjetiva, quando os atores lutam pela legitimidade de seu capital cultural e tecno-linguístico no Facebook. Veremos outros exemplos a seguir.

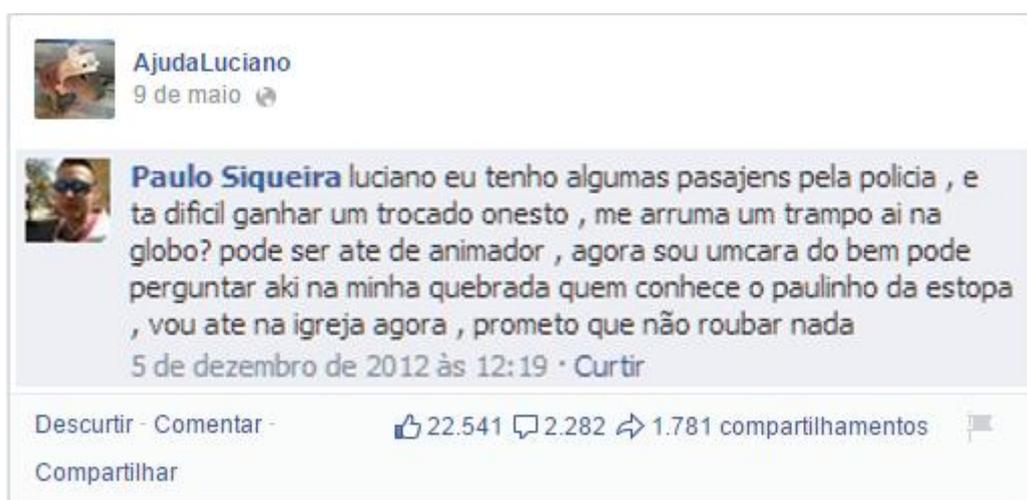


Figura 4 – Postagem dia 9 de maio de 2014

Nessa segunda postagem escolhida, observamos outro tema ligado à violência. O usuário Paulo Siqueira explica, em formato que lembra mensagem informal, no comentário, sua atuação situação e seus problemas. Lembrando a imagem filantrópica e assistencialista de Luciano Huck, o usuário também aparenta o entendimento de que o espaço fornecido para comentários no Facebook possa chegar diretamente e com a mesma legitimidade efetiva de um contato por cartaz ou telefone com a produção do programa de Huck. Assim como no caso anterior, o texto produzido estaria em desacordo com as normas cultas da língua portuguesa, com erros gramaticais considerados graves. Mas, principalmente, é importante notar como Paulo conta sua história, aparentemente um assunto delicado de ser dito publicamente, com naturalidade e informalidade. Outro elemento a se destacar é que dessa vez o usuário não pede por assistências vinculadas ao programa Caldeirão do Huck,

mas a uma vaga de trabalho na Rede Globo, pressupondo a influência do apresentador na corporação.

O relato é em torno da história, real ou não, de um homem que teve passagens pela polícia, ou seja, foi possivelmente preso ou incriminado por delitos. O usuário demonstra que, por esse motivo, possui mais dificuldade em ser contratado para um trabalho. Em sua argumentação, afirma que busca um trabalho honesto e é um “cara do bem”. Ao final, faz alusão à algum amigo ou participante de seu convívio chamado “Paulinho da estopa” para confirmar sua honestidade, caso necessário. Porém, aparentemente, este amigo não é conhecido por Huck ou por outros interlocutores, ou seja, uma referência que não possui vínculo social direto com o interlocutor. Seria uma referência ao seu ambiente, a sua “quebrada”.

O humor causado pela postagem, que provavelmente atraiu os administradores da AjudaLuciano, é referente justamente a possível desconexão entre a intenção e discurso do usuário e a o meio e o modo como este buscou a interação. A estrutura gramatical e o relato em si são centrais na forma de expressão que entra em coesão com o estilo e objetivo da página. A referência a passagem pela polícia, a necessidade de trabalho e o uso de “quebrada” entram no escopo do estereótipo ao cidadão de classe menos favorecida. Mais do que isso, ao usuário que costumeiramente não se mostraria presente nas redes digitais. O estereótipo e o preconceito ficam evidenciados na ridicularização de um relato aparentemente sério e que faz parte da realidade de milhares de homens no Brasil. Talvez utilizado em outro espaço e com outra construção textual, provavelmente estaria distante do aspecto humorístico, visto a seriedade do assunto. Criamos certas ideias com base em recortes do real e colocamos indivíduos e coisas dentro de arcabouços que limitam sua existente e impõe certos discursos.

Observamos que o comentário original se vincula ao discurso estereotipado aqueles que vêm de classes menos favorecidas, considerados fora ou marginais ao domínio cultural e ferramental do ciberespaço. Essa forma de deslegitimar novamente retira os aspectos e dilemas sociais contidos no texto, pertencente a realidade de grande parcela dos brasileiros, tratando-se de um

pedido que poderia ser uma forma desesperada de buscar no personagem Luciano Huck algum auxílio na resolução de seus problemas socioeconômicos atuais. Ao contrário, sua midiaticização proporciona uma variedade ampla de discursos e sua circulação está afastada dos modos tradicionais de emissão-recepção. Outros usuários podem se apropriar da produção e promover infinitos sentidos, até mesmo problematizar a compilação fora modo ridicularizado e humorístico. Cada mídia traz diversas formas de socialização permeada nos ciclos culturais, recodificando e absorvendo as contradições da sociedade e os embates objetivos. A mídia e sua circulação agem no real e influem como os atores interagem e disputam os espaços e discursos

O post apresenta números relativamente altos de: comentários, curtir e compartilhamentos, nos demonstrando como a circulação midiática e os espaços para interação podem proporcionar ainda diversos produtos tecnodiscursivos, adentrando diversos campos de disputa simbólica. Esses campos podem deflagrar a reprodução das tensões sociais no ciberespaço. Em vista de que existe de fato um discurso hegemônico e as disputas nos campos, é tendencioso que o post humorístico reproduzido represente e fortaleça, mesmo que subjetivamente, uma visão estereotipada e preconceituosa deste personagem no ciberespaço, enquadrado na posição do “pobre” ou do “marginal”. A “favelização digital” (Do Carmo, 2009) está presente nesse caso, afastando os “não merecedores” ou “não pertencentes” de um espaço social, porque, estes poderiam representar a desvalorização do modo de interação dos atores hegemônicos.

AjudaLuciano
9 de abril de 2013

bi polar

Vanderson da Silva luciano gostaria muito de participar do lar doce lar pois estou numa m dana .estou sendo despejado e nao tenho para onde ir .eu era militar do exersito tiv um acidente e fui mandado embora cen direito a nada hoje moro de favor no terreno de um amigo iguabagrande mais ele me pediu para sair .tenho poblemas pcigiatico e estou fasendo tratamento sou bi polar e esguizofrenico para completar fui mandado embora da firma que eu trabalhava . poxa ve ce ten como me arrumar um terreno e uma barraca de campo orresto eu me viro como dis o ditado enguanto o mundo gira o saodado ce vira me ajude por favor e ce puder agradessa au latino por me socorrer tenho muito que agrdecer a ele .meu nome e vanderson b da silva pai de jessica simons .obrigado por tudo uque vc fas. obs mais conhecido como baixinho mecanico .por deus me ajude.
3 de março às 17:21 · Curtir

Curtir · Comentar · Compartilhar 327 80 22 compartilhamentos

Figura 5 – Postagem 9 de abril de 2013

Podemos observar novamente no post o relato pessoal em primeira pessoa e o pedido de ajuda ao apresentador, assim como marcas de linguagem similares às analisadas anteriormente. O entendimento da mensagem é dificultado pela forma como o texto é construído, pouco uso de pontuações, as abreviações e as conjugações fora da norma culta gramatical prejudicam a compreensão dos leitores. "Problemas pcigoatrico", "esguizofrenico", "bi polar" e "orresto" são algumas das expressões em que o autor, apesar dos "erros" gramaticais, consegue dar a entender sobre o que está falando. Assim como nas outras postagens, é nítido o uso de linguagem oral e informal, marca comum das interações na cibercultura, onde a convergência midiática aponta também para convergência cultural e linguística.

Ao compartilhar o comentário, os autores da AjudaLuciano indicam no título "bi polar" para um dos principais "erro" da postagem, tendendo o olhar dos atores receptores. O texto produzido pelo usuário Vanderson demonstra seu pedido e vontade de participar do quadro "Lar Doce Lar" do programa Caldeirão do

Huck. Nesse quadro, um telespectador tem seu pedido via carta ou e-mail atendido pela produção do programa. O participante do quadro televisivo tem sua história de vida contada e o quadro gira em torno do sua moradia em má condições como centro. Ao final, a moradia é reformada, praticamente reconstruída.

O usuário conta em seu relato como foi expulso do exército e de seu trabalho, motivo por possíveis problemas psiquiátricos, citando a esquizofrenia. Por esses problemas, Vanderson teria dificuldades para obter moradia própria, hoje morando "de favor" na casa de um amigo. O autor do comentário pede apenas "um campo e um barraco", o ponto de partida para que ele possa aliviar sua atual situação. Ao final do texto, o usuário assina com seu próprio nome e um apelido, marcas de linguagem do formato de carta ou outras mensagens diretas, fugindo um pouco da informalidade presente no comentário.

O humor gerado pela postagem está em torno novamente do uso da escrita, a mensagem excessivamente pessoal e direta colocada no espaço "errado", ou seja, como comentário em uma página do Luciano Huck. Para parte dos atores do Facebook parece óbvio que a interação com Huck por sua fanpage não funciona desse modo, assim como o modo que o relato foi descrito não estaria dentro do "comum".

Novamente retirado do contexto original e da possível intencionalidade discursiva, um comentário provoca diversas percepções aos atores, no caso, incitada ao humor. O processo de recodificação do material evidencia como parte dos atores deslegitima o relato apenas por seu modo de escrever ou utilizando das ferramentas. Historicamente observaremos diversos casos lamentáveis como o relatado por Vanderson, ou seja, o desemprego, os problemas clínicos e psicológicos e a dificuldade de moradia. São temas constantemente colocados em embate na sociedade e fundamentais. É evidente, portanto, que esteja no senso comum a seriedade do assunto, assim como a necessidade de ações afirmativas contra essa realidade. Porém, ao mesmo, parte dos indivíduos se coloca distante socialmente e fisicamente de outros indivíduos que enfrentem esses problemas. O problema parece ser de âmbito abstrato e estereotipado aos cidadãos que estão a margem da

sociedade, afastando-se dos relatos quando colocados dentro de seu campo de disputa social. Ou seja, a aceitação de um relato midiático televisivo ou produzido de forma mais sofisticada parece atingir outro significado ou legitimidade do que um relato direto dentro do ciberespaço. Os atores brasileiros das redes apresentam certa necessidade de ratificar seu espaço e seu modo de ação, repudiando de forma subjetiva a expressão de problemas e dilemas que não pertenceriam às classes hegemônicas do ciberespaço. O preconceito não se refere somente à classe socioeconômica ou faixa etária, mas uma série de elementos que caracterizam um grupo de indivíduos interligados existencialmente ou não construído no âmbito das ideias no social. Como observamos, a linguagem e a forma como damos nome as coisas carregam consigo um discurso ideológico e possuem papel fundamental na constituição do modo de pensar o mundo. Ao criarmos e replicarmos essa forma de ver o mundo carregado por ideologias, agimos na realidade e reforçamos ideias muitas vezes presentes no plano do subjetivo.

A linguagem está ligada ao poder e a política, expressando concepções de mundo dentro de um jogo social. Ao desconsiderarmos a comunicação exercida pelo ator como adequada e observando aqueles elementos discursivos como menos legítimos, adentramos ao senso comum (Martino, 2009), evitando a "disputa de mentalidades" e discussões sobre o que está além da simples aparência estereotipada. Como já foi dito, este senso comum serve à manutenção da hegemonia dominante.

Observamos nesses exemplos alguns aspectos em comum os quais procuramos claramente levantar. Nos três casos vemos similaridades no modo de escrita dos usuários, a questão do problema social (violência, desemprego e marginalização) e a aparente necessidade de pedido de ajuda ou atenção sobre seus relatos pessoais. Verificamos estes pilares do preconceito social na AjudaLuciano. A estrutura gramatical com problemas de pontuação, "erros ortográficos" e certas gírias, o uso excessivo de tratamento íntimo ao referente (no caso, Luciano Huck ou seu programa), o relato público de problemas relativamente íntimos estão entre alguns atributos que são considerados presentes na maioria das postagens da página. A página, em sua forma humorística e satírica demonstra que esses atributos articulados e recodificados

conjuntamente causam o sentimento de humor na maioria de seus seguidores, visto a participação dos usuários, com diversos compartilhamentos, curtir e comentários. O próprio título “AjudaLuciano” é referente a um termo constantemente presente nas publicações, onde os usuários literalmente pedem ajuda ao apresentador em situações diversas, denota-se assim uma marca nas publicações pelo próprio nome dado à fanpage.

A página realiza postagens sem periodicidade ou quantidade determinada, porém, quase diariamente realiza alguma postagem. Sua média de “curtir” por post é alta, com cerca de 10 mil cada. Já o compartilhamento possui média de em torno de 400. O número de comentários é de cerca de 500 por post, chegando a 2,5 mil em alguns casos. Ou seja, o grau de interação aparente ser alto. Analisando parte dos compartilhamentos, observamos que os usuários poucas vezes efetuam um comentário ou visão pessoal junto com compartilhando, na maioria das vezes acrescentam apenas uma expressão de “risada”. Esse modo comum, na nossa visão, dificilmente neutraliza ou cria embate aos discursos do site. O pensamento hegemônico expresso pela página tende a receber compartilhamentos e comentários que apenas façam comentários em concordância ao post, dificilmente uma visão crítica.

A circulação de seu conteúdo é possibilidade por essas três principais ferramentas disponíveis no Facebook. É evidente em que na complexidade em que nos encontramos é raso delimitarmos o receptor deste humor como passivo, porém, devemos apontar para o social em que esse humor atua. Em uma sociedade fortalecida por padrões hegemônicos e preconceitos às mesmas classes subjetivamente ridicularizadas pela página, é de se concluir que a maior possibilidade é de que as postagens sejam bem recebidas e fortificadas pelos conflitos sociais e a luta por legitimação de parte dos usuários. Os estereótipos tendem a serem mantidos, ainda mais com a clara distância proporcionada entre o usuário criador do comentário original e quem visualiza a compilação. O humor é mais um elemento de afastamento entre usuários teoricamente distantes no ciberespaço.

Porém, diferente dos tradicionais meios de comunicação, ainda existe o espaço para atuação o receptor ativo atua sobre a postagem, principalmente no campo

de comentários. Apesar de não encontramos casos de tipo na fanpage, consideramos que existe um espaço a ser preenchido pela crítica à página e suas postagens mais preconceituosas. Sendo uma crítica pertinente e atrativa, poderá receberá curtir de outros usuários e se fortalecer naquele espaço, dando indícios de outras formas de ver interagir sobre os posts.

O compartilhamento também pode ser instrumento de neutralização e crítica desse tipo humor. Ao compartilhar, o usuário pode introduzir um comentário crítica ao que está compartilhando, mostrando aos seus ciclos de amigo aquela mensagem como algo ruim em sua concepção. Apesar do compartilhamento ser considerado como um número “positivo” quantitativamente, ele pode ser usado para deslegitimar e descaracterizar a intencionalidade ou o discurso. A forma de neutralizar o humor e o preconceito pode ser o modo de recontar o relato de forma imparcial e atenciosa, relacionando-a aos problemas sociais existentes hoje no Brasil, assim como demonstrar a não existência de um padrão absoluto de linguagem e interação nas redes digitais. A dificuldade da formação dessa abordagem é o próprio caráter da página, um humor subjetivo e relativamente “neutro”.

Entendemos que, apesar de sua circulação possibilitar novas construções de discursos e neutralização do preconceito implícito inicialmente, sua reprodução no ciberespaço mais fortalece antigos dilemas e problemas dos espaços sociais do que o descontrói. O que vimos em nossas análises é, na verdade, uma complexa recodificação de discursos hegemônicos e a forte presença dos conflitos sociais em uma nova configuração.

Acreditamos que a partir dessas análises e seu futuro aprofundamento empírico e teórico seja possível traçar visões mais amplas e gerais desse fenômeno nas redes digitais. Além disso, entendemos que a reflexão aos usuários e comunicadores sobre esse tema devem ter importância, assim como é importante observamos e agirmos contra toda forma de preconceito e desigualdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi colocado a todo o momento neste trabalho, buscamos levantar questões fundamentais sobre as relações sociais nas redes digitais. Nosso enfoque em estabelecer o recorte do preconceito socioeconômico e de acesso aos meios digitais através da análise da página AjudaLuciano mostra-se apenas como uma entre diversas proposições possíveis sobre o tema. Devido a complexidade do assunto, não é possível realizar a devida e profunda pesquisa sobre os variados tipos de preconceito e os outros diversos signos e modos de sua reprodução, principalmente no ciberespaço.

Ao fomentarmos, em nosso ponto de vista, importantes conceitos e linhas teóricas, entendemos um pouco sobre o mundo digital e sua arquitetura comunicacional, assistindo à drásticas mudanças nos últimos tempos. Alterando-se a forma com o atores sociais se relacionam, produzem e se distribuem socialmente. O empoderamento, a convergência midiática e cultural, o abandono ao conceito de emissão-recepção, a circulação midiática e suas diversas possibilidades tecno-discursivas são pontos fundamentais em nossa contextualização.

A partir disso, entramos nos meandros da linguagem e discurso, estereótipos e preconceitos e a disputa social pela legitimidade nos campos sociais. Essas concepções nos indicaram a importância e centralidade dos conceitos na construção ideológica dos sentidos e como o pensamento hegemônico pode adentrar na constituição do indivíduo e ser reproduzida nos campos de variadas maneiras, recodificando-se adequadamente as mídias e meios.

Ao observar a página AjudaLuciano no Facebook podemos materializar empiricamente nossa proposta de trabalho. Os preconceitos contidos ali são pequenos indícios de que as problemáticas, disputas e desigualdades sociais simplesmente não desaparecem ao adentrar os meios digitais como pode ser entendido no senso comum. Ao ouvir todos dias em aulas, meios de comunicação e no dia a dia sobre o poder do novo contexto midiático, às vezes caímos em chavões e idealizações que não encontram integralmente base na realidade. É claro e evidente que o ciberespaço vem proporcionando uma grande revolução em praticamente todas as áreas do conhecimento, dos meios de produção e da cultura, desde o grande poder de armazenamento e

exposição de informações até a interativa maior democratização e ampliação da produção de conteúdo. Os sentidos e os discursos tomam novas características nessa midiatização e fica cada vez mais difícil observarmos as características e conflitos históricos recodificados no ciberespaço.

Nosso papel neste trabalho foi trazer uma breve constatação de como não devemos cair na exacerbação às novas tecnologias como caminho evidente de igualdade e democracia. Os problemas de origem histórica material não se solucionaram apenas com sua midiatização e adequação, pois as estruturas sociais e o discurso hegemônico ainda se mantêm fortemente arraigados aos indivíduos ideologicamente em um complexo ciclo de fortalecimento dos detentores do poder socioeconômico ou adequados ao padrão histórico opressor.

Na página AjudaLuciano, ao nosso modo de ver, conseguimos concretar os principais aspectos procurados. Enfrentamos a subjetividade e a complexa forma de circulação de conteúdo usada pelos usuários. Com o enfoque o humorístico baseado quase que exclusivamente na pesquisa e compilação de comentários de usuários em outras páginas, ou seja, na zona de contato provocado também no Facebook por outros atores, as intencionalidades mostram-se frágeis e os tecno-discursos são articulados e rearticulados de diversas formas. Porém, conseguimos observar padrões e signos que recorrentes que denotam a manutenção do discurso hegemônico segregacionista, utilizando da ridicularização do modo de expressão e dos relatos de parte dos usuários.

Portanto, finalizamos nosso trabalho acreditando que contribuições como essas são necessárias, principalmente aos comunicólogos. É necessário cada vez mais nos preocuparmos com os públicos de fato e como antigas mazelas se mantem na arquitetura comunicacional. A partir disso, esperamos que o olhar crítico sirva de base para agirmos efetivamente nessa realidade e talvez ajudar na maior igualdade e democratização, tanto no ciberespaço quanto na sociedade como um todo.

Referências

AMAR, Georges, **Homo mobilis: la nueva era de la movilidad**. Buenos Aires: La Crujía, 2011

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981

BORDIEU, Pierre. P. **A economia das trocas simbólicas**. Ed. 3 São Paulo, Perspectiva: 2001

BORDIEU, Pierre. P. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo, Edusp, 2007.

BOURDIEU, Pierre **Gosto de classe e estilos de vida**. In: **A sociologia de Pierre**

Bourdieu (Org. Renato Ortiz). São Paulo: Olha d' Água, 2003 (p. 144-169)

BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. Paris: Minuit, 1984.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo. Editora Paz e Terra: 2003.

CASTELLS, M. **A galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade**.

CHARAUDEAU, P; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise de Discurso**. São Paulo: Contexto, 2006

DO CARMO, Rualendson. **Preconceito social na internet: a reprodução de preconceitos e desigualdades sociais a partir de análise de sites de redes sociais**. In: **3º Seminário Blogs: Redes sociais e Comunicação Digital**, realizado pelo Grupo de Pesquisa em Comunicação e Cultura, Centro Universitário, Novo Hamburgo, 22 de set de 2009. Disponível em: <<http://www.nicolisimonato.blogspot.com/2010/01/o-fenonemo-orkut-e-sua-favelizacao.html>> Acessado em: 1 de outubro de 2014

ELIE, M. **Internet e desenvolvimento: um acesso à informação com mais equidade?** In: EISENBERG, J.; CEPIK, M. (Org). **Internet e política: teoria e prática da democracia eletrônica**. Belo Horizonte: UFMG, 2002

FAUSTO NETO, Antônio. **As bordas da circulação.** Revista **ALCEU**, v. 10 – n.20 – p. 55 a 69 – jan./jun. 2010

FAUSTO NETO, Antônio. **Contratos de leitura: entre regulações e deslocamentos.** Diálogos Possíveis, Salvador, ano 6, n.2, p. 7-28, jul-dez, 2007.

FIORIN, J. Luiz. *Teoria dos signos.* In: J. Luís (org). **Introdução à Linguística.** São Paulo: Contexto, 2007. p. 55-74.

FIORIN, José Luiz. **Formações Ideológicas e Formações Discursivas.** In: **Linguagem e Ideologia.** São Paulo: Ática. São Paulo: Ática, 2007, p. 32-41, 49-56.

HALLS, S. **Da diáspora.** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HELLER, A. **Sobre Preconceitos.** In: **O cotidiano e a história.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

HOGART, R. **As utilizações da cultura.** Lisboa: Presença, 1973.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo.** São Paulo: Centauro, 2004. p. 75-94.

JENKINS, Henry. **A Cultura da Convergência.** São Paulo: Ed. Aleph, 2009.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma Antropologia do Ciberespaço,** São Paulo, Loyola, 2000.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1997.

LIPPMANN, W. **Estereótipos.** In: STEIMBERG, CH (org.) Meios de comunicação de massa. São Paulo., Cultrix, 1980.

MAINGUENEAU, **Dominiqui.** **Análise de textos de comunicação.** São Paulo: Cortez, 2002.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Gramsci: mídia, hegemonia e cultura popular.** In: **Teoria da Comunicação: ideias, conceitos e métodos.** Petrópolis: Vozes, 2009, p. 69-73.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Os Estudos Culturais. In: Teoria da Comunicação: ideias, conceitos e métodos.** Petrópolis: Vozes, 2009, p. 241-248.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Os novos espaços da comunicação. Vanguarda e pop: as novas fronteiras da cultura.** In: Comunicação: troca cultural? São Paulo: Paulus, p. 23-37

MCLUHAN, Marshall, **Os meios de comunicação como Extensões do Homem.** São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

ORLANDI, Eni P. **Terra à vista. Discurso do confronto: velho e o novo mundo.** São Paulo: Cortez, 1990.

PETTER, Margarida. *Linguagem, língua, linguística.* In: FIORIN, J. Luís (org). **Introdução à linguística.** São Paulo: Contexto, 2007. p.11-24.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: os níveis de fala** (um estudo sociolinguístico do diálogo na Literatura Brasileira).8ed. São Paulo: Edusp, 1997. p. 11-71

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009

RUDIGER, Francisco. **Crítica da cibercultura.** São Paulo: Hacker, 2002

RÜDIGER, Francisco. **Introdução: preliminares ao relato da problemática teórica da cibercultura. As Teorias da Cibercultura: perspectivas, questões e autores.** Porto Alegre: Sulina, 2011, p. 7-21.

SANTAELLA, Lúcia. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano.** Revista FAMECOS. Porto Alegre, n.22. p.22-23, dez, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das Mídias.** São Paulo: Experimento, 1996.

SIMONATO, Nicole. **O fenômeno Orkut e sua “favelização”,** 20 jan. 2010. Disponível em: <<http://nicolesimonato.blogspot.com/2010/01/o-fenomeno-orkut-e-sua-favelizacao.html>>. Acesso em: 21/09/2014

SOUZA, J. de. et. al. **A ralé brasileira: quem é e como vive.** Belo

Horizonte: Editora UFMG, 2009.

VIGOTSKI, Lev S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 01-10.

WILLIANS, R. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1968.

Referências digitais

Ajuda Luciano, Facebook. Disponível em:
<<http://www.facebook.com/AjudaLuciano>> Acesso em 8 de outubro de 2014

Quem são os brasileiros nas redes?, Blog Novas Digitais. Disponível em: <
<http://novasdigitais.blogspot.com.br/2013/03/quem-sao-os-brasileiros-nas-redes.html>>
Acesso em 3 de outubro de 2014